

ENSAIOS SOBRE O ESPÍRITO DE **SÃO GASPAR BERTONI**

4

A SENSIBILIDADE SOCIAL DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. GIANCARLO BREGANTINI, CSS

DOCENTE DE HISTÓRIA DA IGREJA NO SEMINÁRIO REGIONAL PIO X
EM CATANZARO

Idioma original: Italiano

Tradutor para a Língua Portuguesa:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS

Edição Impressa: 1983

Edição Eletrônica: Agosto de 2004

ÍNDICE

Introdução	86
1. O ambiente histórico	86
2. A sensibilidade social: natureza e critérios	87
Primeira parte - A preparação	87
1. Na família	87
2. “A evangélica fraternidade”	88
3. O estudo	88
4. As primeiras pregações	89
Segunda parte - As primeiras respostas às necessidades do tempo	91
Preâmbulo	91
Capítulo I - Os oratórios Marianos	91
1. A estrutura interna dos oratórios	92
a. Formação global	92
b. Um líder respeitoso	93
c. Com os jovens operários	93
d. Gratuidade de caminho	94
2. A supressão política das congregações marianas	95
Capítulo II - O trabalho no seminário	97
a. Os fatos: linguagem de Deus	98
b. Gratuidade e desinteresse	98
c. Livres dos poderosos	100
d. Honestidade e coerência	100
Capítulo III - Padres e riquezas	101
Terceira parte - As escolhas feitas nos Estigmas	104
Preâmbulo	104
1. A vida comunitária	104
2. A construção do convento dos Estigmas	105

3. Escola gratuita	106
a. Método usado nas escolas do Bertoni	107
4. As escolhas em relação ao dinheiro	109
a. Diante das heranças	109
b. Relacionamento com os dependentes	110
c. Atenção para com os pobres	110
d. Assistência aos moribundos	111
5. Gratuidade	111
6. A fundação dos “Abandonados”	112
7. As escolhas de Pe. Gaspar	113
a. O catecismo da Quarta classe	113
b. Entre os contagiosos	114
c. Entre os condenados à morte	115
d. Com os soldados	115
8. O homem do conselho	116
9. A atitude com a política	118
10. Das suas Constituições	120
a. A preparação das pessoas	120
b. Equilíbrio e sabedoria	121
c. A conversação familiar com o próximo	123
Conclusão	124
a. A sensibilidade social e as devoções Estigmatinas	126
Notas	128

A SENSIBILIDADE SOCIAL DE SÃO GASPAR BERTONI

PE. GIANCARLO BREGANTINI, CSS

INTRODUÇÃO

1. O AMBIENTE HISTÓRICO

Uma vista sobre o ambiente histórico no qual agiu Pe. Gaspar, ajuda a compreender o seu estilo, suas escolhas, sua posição nos confrontos sociais e políticos.

Pe. Gaspar (1777-1853), ordenado sacerdote em 1800, viveu em dois momentos diferentes, muito distintos entre si. Verona, a sua cidade, sofreu na realidade dois domínios opostos:

a) O domínio francês: direto (1800 -1805) e indireto (1805 -1814) no qual Verona cidade do Reino da Itália, sofreu a invasão dos exércitos de Napoleão e a tentativa de formação de uma cultura revolucionária. Os fatos e os personagens mudam repentinamente, as fronteiras são modificadas após cada vitória do conquistador, os valores tradicionais são abalados, o conflito, aos quais muitas vezes se unem carestia e pestilências, semeia destruição e morte. A juventude é ao mesmo tempo protagonista e vítima dessas tumultuosas mudanças.

Aqui se coloca o primeiro, Pe. Gaspar, o padre jovem, corajoso, bem preparado, aberto às transformações, mas ao mesmo tempo capaz de compreendê-las no íntimo com profundidade, ativo com os jovens, através da incisiva organização dos oratórios Marianos.

b) o domínio austríaco: (1814 -1866) caracterizado por uma forte linha de restauração, feita pela estabilidade e segurança sócio-política, repressão ideológica e controle cultural, ausência de guerras nos primeiros 30 anos e economia centralizada na agricultura e no artesanato.

Para Pe. Gaspar, este período coincide com o começo e o desenvolvimento da Congregação, a sistematização do convento, a individualização do próprio carisma, a aquisição dos fundos de Sezano, a preparação das Constituições e a vivência do conselho. A maturidade, enfim.

Este, portanto, o quadro, em rápidas pinceladas, dentro ao qual agiu Pe. Gaspar. Cada homem é de fato filho do seu tempo, na duplicidade de uma correlação dialética, entre ambiente e personagem, pela qual o ambiente influencia sobre o personagem e o personagem modifica o ambiente.

2. A SENSIBILIDADE SOCIAL: NATUREZA E CRITÉRIOS

É certamente oportuno explicar o que se entende por "sensibilidade social" de Pe. Gaspar. Neste estudo, é tomada no sentido amplo. É antes de tudo a capacidade de entender, em termos positivos e abertos, o próprio tempo, com todas as provocações culturais e espirituais.

Torna-se assim a capacidade de intervir e incidir no próprio ambiente social, político, religioso, seja direta ou indiretamente. É pois, o dom de fazer amadurecer as pessoas, de exteriorizá-las, dê torná-las protagonistas da própria história, cada uma segundo a própria missão.

É finalmente, o carisma de transmitir sinais inequívocos de esperança e de serviço aos mais pobres, aos afastados, aos marginalizados, aos pecadores.

O atual estudo não insiste, pois, tanto sobre momentos ou episódios particulares, mas tenta captar uma atitude presente em toda a espiritualidade e ação de Pe. Gaspar. Trata-se de traçar uma linha, e não pontos isolados.

PRIMEIRA PARTE

A PREPARAÇÃO

1. NA FAMÍLIA

Cada homem é marcado pela sua família. Pe. Gaspar também o foi.

Embora originário de uma família da médio-burguesia, rica de tradições profissionais ligadas ao ambiente da nobreza de Verona, pelo egoísmo mesquinho de um pai incapaz de administrar, passa lenta, mas progressivamente, para um teor de vida frugal em certos momentos realmente pobre. Sofre assim na própria pele a tremenda passagem sociológica, então muito em voga, de uma nobreza antiga e cheia de dignidade, ainda que altiva, para uma burguesia empreendedora e capaz, mas ávida e rapinante.

Uma outra duplicidade está presente na vida do jovem Gaspar: cresce entre o afeto forte e possessivo de pessoas idosas, que porém ele vê morrer uma a uma, mas sem o afeto constante e diário de uma família unida e serena. Pelo contrário, assiste a contínuos conflitos que terminam em processos e sentenças.

Bens e afetos assumem, pois, na juventude de Pe. Gaspar um sentido de EXTRAORDINÁRIA RELATIVIDADE. Ficarà marcado por toda a vida, possibilitando-lhe de ler com esta visão também as tremendas mudanças do seu tempo.

Encontra-se pois, plenamente envolvido nos fatos sociais, ainda antes de poder analisá-los.

2. "A EVANGÉLICA FRATERNIDADE"

Experiências amadurecedoras, portanto, as de dentro da família. Como também experiências plenas de coragem e sensibilidade se originam na militância da "Evangélica Fraternidade", fundada em 1796 pelo Pe. Leonardi.

"Belas provas de ânimo forte deu o Pe. Gaspar desde jovem sacerdote, principalmente na assistência aos pobres enfermos nos hospitais, onde ele encontrava todas as suas delícias, dividindo com outros generosos companheiros as fadigas e as penas", escreve o Giacobbe na sua "Vida" (1). E o Bresciani que, freqüentara os hospitais desde a sua juventude, como bom Camiliano, nos dá este testemunho direto: "... vede-o nos hospitais, nos cárceres, junto aos condenados, nos leitos dos enfermos pela caridade" (2).

Aprendeu assim a estar próximo do sofrimento, e amar e cuidar dos enfermos com "doçura e complacência", sobretudo os incuráveis.

Atualmente discute-se em nível historiográfico a importância que teve em Verona a "Evangélica Fraternidade", na formação e na têmpera de pessoas corajosas, amadurecendo-as para o carisma da "fundação"(Bertoni, Canossa, Steeb). Uma coisa é certa: esta experiência abriu ainda mais os olhos de Pe. Gaspar, em um momento delicado de sua vida que era a imediata preparação ao Sacerdócio e as primeiras experiências pastorais.

Desta atitude nos resta um estupendo testemunho nas suas Constituições, que são o vértice do caminho espiritual de Pe. Gaspar:

"No cuidado com os enfermos, que deve ser o primeiro e o mais importante, compreendem-se todas as obras de misericórdia, com as quais os confrades socorrem-se mutuamente, ora cuidando dos enfermos, ora consolando os aflitos, ora ajudando os cansados, ora confortando os vacilantes, ora corrigindo e levantando os caídos" (3)

É também precioso um testemunho inédito, de fonte leiga. Nas margens do Ádige, perto da Torre al Batello della Vittoria, "foi instituído um Hospital provisório dos Prisioneiros pobres, com o objetivo de tratá-los". (...) Porém "há falta de todo o necessário em questão de mobília como de alimentação..."E então eis a solução: o responsável da coisa pública "procure entender-se com o exemplar religioso, Sr. Pe. Gaspar Bertoni não somente pelas esmolas, mas também para assistir o Hospital e inspecionar os mantimentos dos doentes e suas necessidades..." (4). Nasce, desse modo, também uma imagem nova de Pe. Gaspar: um organizador estimado e procurado no campo da caridade. Fruto, não pequeno, certamente, dos diversos anos de militância na "Evangélica Fraternidade".

3. O ESTUDO

Junto com a experiência familiar e a dos familiar entre os que sofrem, Pe. Gaspar faz uma grande experiência com os livros: "... quando clérigo estudava 10

horas por dia, além das aulas..." (5) ia "ao seminário durante o inverno em algumas salas destinadas a uma biblioteca que deveria ser formada. As tais salas eram realmente abandonadas e porisso o frio era tão intenso que se tornava quase intolerável. Todavia ele ali permanecia firme muitas horas..." (6). Os testemunhos poderiam continuar. Basta uma prova: "A colheita de textos sobre o 'Primado de Pedro', cerca de 1800 páginas in 8º grande, 'todas manuscritas de próprio punho, extraídos com rara diligência e nitidez de caracteres de códigos de documentos pontifícios e das mais conceituadas coleções' " 7).

Aqui se quer, sobretudo, apresentar uma atitude e um método de trabalho, que manifesta um caráter: ir à fonte das coisas, informações de primeira mão, rigorosa preparação para a vida.

Os frutos virão mais tarde, mesmo porque a finalidade constante de Pe. Gaspar é sempre aquela de "querer saber para poder construir: esta é de fato a caridade" (8).

4. AS PRIMEIRAS PREGAÇÕES

Verona vivia em 1801 um ano terrível: o enfurecimento da guerra, a fronteira no Ádige e a conseqüente divisão do território veronês, a permanência de uma terrível carestia. A cidade estava reduzida à fome, "desolada", como as crônicas a descrevem.

Neste contexto, Pe. Gaspar, com somente 24 anos, fez um panegírico sobre São Luiz, que é um autêntico programa de renovação social. Aí se vislumbra um critério que abrange tino e uma indicação de método de solução.

Entre os vários "dons" de que o santo é rico, Pe. Gaspar sublinha aquela virtude que mais fala ao coração do povo em tais circunstâncias: "eu vos proponho de imitar em S. Luiz o maior destes dons que é a caridade, complemento e coroa de todas as virtudes" (9).

Esclarecimento inicial: "A caridade é uma perfeita amizade, que existe entre nós e Deus, a qual, porém, em vista de Deus se estende também ao nosso próximo, como coisa toda de Deus e que a Deus pertence" (ms. 525).

Nem horizontalismos, nem verticalismos, mas fusão harmônica dos dois aspectos do amor.

Entre todas as qualidades da caridade descritas por Paulo (1 cor 13, 4-7), Pe. Gaspar, comentando-as, escolhe uma, típica: "A caridade não busca seus próprios interesses". É o desinteresse, a gratuidade, a doação, todos temas muito queridos a Pe. Gaspar: "Quem ama, de fato, com verdadeira amizade, deve procurar o que é útil ao amigo; enquanto alguém procura o útil e o prazer próprio, no amigo, não ama o amigo, mas a si mesmo" (ms. 529).

Eis, pois o exemplo de S. Luiz: "Tendo ocorrido em Roma aquele contágio tão mortífero, ele demonstrou cuidar tão pouco de sua própria vida, expondo-a para conforto do aflito, seu próximo, onde justamente com maior força aquele mal agia, nos Hospitais públicos: por isso a perdeu em pouco tempo, colhido pelo mesmo morticínio comum. "A caridade não busca seus próprios interesses" (ms. 530).

A alusão direta aos hospitais manifesta uma simpática nota autobiográfica e um estilo de vida feito de heroísmo. É um pedaço do mundo de Pe. Gaspar e ainda mais de tantos amigos seus: Pe. Carlos Steeb e Pe. Mateus Farinatti. Encontrar-los-emos.

Mas aquele modelo torna-se também um claro exemplo de intervenção no social, nos problemas do povo; sobretudo uma chave para a solução. "Quem de fato entre nós, está não direi disposto a dar também ele deste modo a vida por amor do seu próximo, já que isto é próprio dos perfeitos, mas que doe de boa vontade o supérfluo daquelas riquezas, que dissipa, para sustentar o seu irmão, enfraquecido muitas vezes pela fome" (ms. 539).

Eis nestes traços a descrição de Verona naquele ano: pobres desnutridos e riquezas dissipadas, grandes necessidades e muitos corações fechados em seus próprios interesses:

"Mas, oh Deus! Todos hoje em dia nada mais procuram além dos seus interesses, do seu prazer, da sua utilidade. Omnes quaerunt quae sua sunt" (Ms. 533).

O horizonte alargou-se assim improvisamente. Da escolha individual passou-se a toda a sociedade. E Pe. Gaspar, então, propõe o critério de solução para toda a questão social:

"Eu vos digo que jamais podereis conseguir o vosso proveito, quanto não tomardes todo o cuidado com o vosso próximo. Deus, fato uniu todas as nossas vantagens, ao cuidado que devemos com o nosso próximo" (ms. 535).

E conclui com uma séria advertência

"Guardai bem na mente: quem quer conseguir o próprio proveito, deve procurar o proveito do seu Próximo; e o que o não procurar o que é próprio, como ensina a caridade, é justamente o verdadeiro ou melhor o único caminho para consegui-lo" (ms. 542).

Isto ultrapassa a simples perspectiva ascética individual. É um verdadeiro programa social, bem delineado, baseado na lei da SOLIDARIEDADE. Se queremos uma sociedade diferente, devemos construir uma sociedade solidária.

Encontra-se aqui uma grande parte do futuro Magistério social da Igreja, que brotará de reflexões de pensadores e de papas durante este fatídico século

dezenove que apenas se inicia. E encontramos muitas temáticas que nos agradam nos debates destes anos, em todos os níveis.

Um aceno quase nostálgico de advertência: "Parece-me - anota Pe. Gaspar, no fim da vida, com setenta e quatro anos completos, na apreciação de um Catecismo - que se devesse mostrar como a base da sociedade está na CARIDADE (...) que a sociedade consiste na caridade ou amizade e amor mútuo dos súditos e de quem governa, fundado em uma comunicação de bens" (10).

A pregação torna-se assim a arma, eficaz e profunda, para a transformação positiva da sociedade. Trouxemos apenas um aceno, uma parte da abundantíssima atividade de pregador do Pe. Bertoni.

SEGUNDA PARTE

AS PRIMEIRAS RESPOSTAS ÀS NECESSIDADES DO TEMPO

PREÂMBULO

"Quem não conhece a catástrofe militar, política e religiosa do noventa e seis? O golpe foi dado além dos Alpes e toda a Europa foi atingida (...) Verona o sabe; mas talvez suas perdas religiosas não foram suficientemente percebidas". É o retrato que o contemporâneo Pe. Camilo César Bresciani, faz do terrível impacto que produziu sobre a "Fedele Verona" a Revolução Francesa. A tonalidade é oratória e as tintas são carregadas, mas a realidade não deve ter sido muito diferente.

Eis que nesta difícil situação, Pe. Gaspar não fica só observando, nem se faz de moralista. Não se retira em casa, mas sai para a luta, agindo em dois setores vitais: os Oratório Marianos e o Seminário. Duas instituições aptas para formar homens para novos tempos. A resposta de Pe. Gaspar não vai pois, curar as feridas de uma sociedade em dramática transformação, não age no fim do processo social, mas vai às origens, lá onde se "gera" o homem.

Para usar uma imagem plástica do Bresciani., "mirou, em duas empreitadas, os jovens e o clero, as plantas e os cultivadores" (11).

CAPÍTULO I

OS ORATÓRIOS MARIANOS

Escreve o Pe. Dalle Vedove: "Os destinos da população veronesa no final do ano de 1800 não podiam ser mais tristes e além disso as condições da juventude não podiam ser mais lastimáveis. Abandonada quase completamente a instrução pública, tornada impossível a manutenção nos asilos dos meninos órfãos ou

abandonados, as ruas pululavam de pequenos delinqüentes, aos quais ninguém conseguia colocar um freio. O Pe. Bresciani, que foi testemunha ocular, lembrava:

"... era uma comoção universal e uma indignação, ver pelas ruas, misturados, jovens da roça e da cidade, que vagabundeavam atrevidamente e sem detença, esmolando, praguejando e roubando em toda parte e expondo-se contra o pudor, as misérias e necessidades de todo tipo" (12).

A primeira resposta de Pe. Gaspar foi a amizade com os rapazes e a aproximação dos seus problemas:

"abaixava-se até sua pequenez, assim mantinha-se ao lado deles e dos seus estudos e inclinações, para infundir-lhes o espírito daquela vida que devia transformá-los em homens fortes pela graça de Cristo e a seu tempo dar frutos de virtudes cristãs" (13).

Mas não bastava certamente uma atitude pessoal de compreensão! Eram necessárias instituições educativas e formadoras estáveis, que enfrentassem de modo orgânico os problemas dos jovens. Não remédios isolados mas curas radicais. Eis, então caminhadas novas por velhos caminhos, quase esquecidos:

"Sacerdote jovem ainda, quis e conseguiu o que outros, mais acostumados em empreendimentos sociais, não tiveram nem mesmo a coragem para tentar" (14).

Nascem assim os ORATÓRIOS MARIANOS, uma instituição de antigo modelo jesuítico, mas reapresentada de modo novo, para responder a novos problemas.

Inícios humildes: do convite do pároco Girardi ("sejas o seu missionário") no alpendre vizinho da casa paroquial de S. Paulo até a Igreja das Irmãs Terciárias Mínimas de S. Francisco de Paulo, envolvendo progressivamente os meninos, os jovens e também os adultos, "chegando em breve tempo a cerca de 400 jovens" (15). E do Oratório de S. Paulo (1802-1807) "norma e exemplo de todos os outros oratórios" (16), ao de S. Firmo (1816-1819) e finalmente aos dos Estigmas (1819). Depois a cidade inteira e boa parte da diocese (17). "Uma centelha que se incendiou rapidamente e quase como um milagre pela cidade e pelos campos de Verona" (18).

1. A ESTRUTURA INTERNA DOS ORATÓRIOS

O restante é conhecido. Mas observando profundamente e no interior desta organização, que manifesta-se subitamente apostólica e social ao mesmo tempo, podem-se colher algumas normas vitais, que mostram a visão distante e a importância das obras dos Oratórios.

a) Formação global

O escopo é a formação global dos jovens. Toda sua vida e seus interesses estão comprometidos. Basta dar uma olhada nas várias derivações presentes, para calcular. A "Coorte Mariana" é dividida em "8 presidentes":

Além do Presidente para o "Espírito" que é o primeiro, o segundo que é para a "Hospitalidade" insinua logo as excursões de propaganda para a fundação de outros Oratórios: o 3º (para os "Estudos") insinua os auxílios de repetição aos alunos estudantes; o 4º (para os "Divertimentos") insinua o Recreatório Mariano"; o 5º (para a "Música") preside as "bandas, cantores e tocadores"; o 6º, o 7º e o 8º (Instruções, Catecismo, Caligrafia) supõem um início de três classes de aulas festivas ou noturnas.

O "Oratório dominical e festivo de manhã avançava, pois, durante o resto do dia e ao menos algumas reuniões noturnas feriais" (19).

O Pe. Dalle Vedove (20) anota e comenta: "É aqui que transparecem com mais evidência as analogias com o que se verificará na Ação Católica do final do século XIX e no Movimento escoteiro do início do século XX. Pe. Gaspar foi verdadeiramente um genial precursor destas instituições não só no plano organizador, mas muito mais no educativo".

b) Um líder respeitoso

Pe. Gaspar - na verdade - "para atrair os jovens e controlá-los a seu bel prazer, parece que tinha algo de mágico" (21). Todavia este grande dom ele o unia com uma extraordinária capacidade de comprometimento de outras pessoas, sobretudo de outros sacerdotes, na sua atividade educativa. Eis uma preciosa anotação do seu diário espiritual: "É de grande vantagem para uma obra espiritual, encontrarem-se duas pessoas unidas pelo mesmo sentimento" (22).

Sabia e fazia colaborar: O entendimento entre os colaboradores era tal que rompia todo ciúme, e constituía um "cabo de admirável concórdia entre eles e pelo qual se ligavam tão docemente os corações da juventude, que uma vez atraída não mais se desligava do seu lado" (23).

Era, pois, um líder, mas não um centralizador nem um verticista. Sobretudo inspirava nos colaboradores um sentido de desinteresse, de gratuidade: "Quem for colocado num cargo, guardar-se-á de toda sombra de vaidade e de ambição; não considerar-se-á de modo algum como superior aos outros mas como irmão" (24).

c) Com os jovens operários

Os jovens provinham de todas as camadas sociais. Eram muitos os operários. A advertência básica era bem clara: "não se toleravam ociosos ou desocupados, ou faziam todo esforço para que se dedicassem a alguma arte ou ofício" (25). Mas havia também um esforço, para encontrar trabalho para todos.

E eis uma simpática página do Giacobbe, que narra específicas iniciativas organizadas pelos jovens operários. É uma pedra, que fundamente muito as atividades dos estigmatinos no meio dos jovens do mundo do trabalho, especialmente no glorioso "Patronato dos Estigmas.

"Em certas festas fazia uma espécie de competição. Como os que freqüentavam aquelas reuniões fossem quase todos operários, a fim de excitá-los ao trabalho estabelecia concursos entre os vários ofícios, cada um tinha de lhe levar uma amostra e naturalmente a mais perfeita possível, da própria habilidade; por exemplo, uma chave, um sapato, uma roupa, ou outro objeto qualquer. Havia uma espécie de exposição, que durava vários dias, e no fim faziam uma pequena cessão, durante a qual o autor do trabalho, que era julgado o melhor, era festejado com música e canto e com os aplausos de todos os moços do oratório. Uma tal demonstração era mais apreciada do que uma medalha, ou outro qualquer presente. Além disto os trabalhos premiados ficavam durante algum tempo expostos à admiração do público. Desse modo o sábio diretor, além de recompensar a atividade e a diligência dos moços, sustentava e excitava neles o amor ao trabalho e ao cumprimento do próprio dever. E com tão santas indústrias tornava-se benemérito não só dos jovens e das famílias, sendo também das fábricas e oficinas, às quais fornecia empregados honestos, diligentes e entendidos, com grande incremento das artes, o que era muito apreciado pelos patrões, que muito agradecidos se mostravam ao Pe. Gaspar" (26).

d) Gradualidade de caminho

A gradualidade e a articulação interna eram um outro ponto a favor dos Oratórios Marianos. Passava-se de uma base comum para todos os inscritos, compreendendo as "devoções essenciais" e a Doutrina cristã, à progressiva formação de uma elite, de um grupo restrito de "militantes", diríamos hoje, com momentos de crescimento próprio, também na casa do próprio Pe. Gaspar lições, práticas piedosas, Exercícios espirituais, alegres reuniões noturnas, encontros com outros grupos... o objetivo era o de criar "elementos aptos para formar e preparar também novas congregações Marianas" (27).

Eis, pois, a sabedoria educativa de Pe. Gaspar:

"Se no princípio para atrair os jovens a fim de que entrassem para o Oratório mostrava e punha-lhes diante a isca de uma fruta, uma vez, porém, que os tinha firmes na virtude e nas suas mãos, queria que o pão fosse aspergido com um pouco de cinza da mortificação e com o óleo da caridade" (28).

Para completar as informações, deve-se dizer que a Pe. Gaspar "são creditadas algumas congregações Marianas femininas: as de S. Paulo in campo Marzio, de S. Firmo Maior e a congregação interna do colégio das Terezas de L. Naudet" (29).

Compreensível, pois, sintetizando, a admiração do Giacobbe:

"Quem, pergunto, considerando só isto, poderá avaliar as vantagens, que de uma juventude assim educada, conseguem as famílias, as artes, o comércio, a pátria, a Igreja?" (30).

2. A SUPRESSÃO POLÍTICA DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS

Realizada aos 26 de maio de 1807, é o episódio que mais demonstra a importância social das congregações Marianas.

As dificuldades jamais faltaram. Testemunha o Giacobbe:

"De fato não foram poucos, nem leves os obstáculos e os aborrecimentos que lhe foram provocados pela malícia e inveja dos inimigos do bem comum contra a sua santa obra do Oratório Mariano" (31).

O estudo acurado e muito bem informado do Pe. Dalle Vedove (32) narra todo o intrincado acontecimento. Aparecem, porém, alguns episódios e testemunhos de primeira mão, extremamente importantes. Já em setembro de 1804 as suspeitas das Autoridades francesas se mostravam nesta observação ao Diretor Geral da Polícia, Guicciardi: "As vigiadas companhias merecem a mais seria atenção, seja pelo caráter dos seus Diretores, seja pela sua rápida propagação, seja finalmente pela sua mútua correspondência".

Com a anexação de todo o Vêneto ao Reino da Itália, as investigações e os controles se intensificam. As congregações Marianas são definidas "as principais e as mais perigosas", nas quais se exige "uma submissão ilimitada da pessoa e uma obediência aos superiores". Assim, pois, concluía o Guicciardi "... que o caráter destas Congregações seja contrário ao sistema o demonstram o caráter das pessoas que figuram no lugar mais importante e se deduz da época em que foram iniciadas e do seu ministério (...)" (19 de novembro de 1806).

Uma observação interessante, pois, completada com a batida que comparava as Congregações "com uma maçonaria religiosa criada com verdadeiro espírito jesuítico (...)" 27 de fevereiro de 1807).

O decreto de supressão dos Oratórios Marianos de 27 de maio de 1807 outra coisa não foi, senão a conclusão formal de uma atitude de perseguição que o governo francês colocara em prática nos seus confrontos.

Mas nem mesmo após a supressão, cessaram as pressões contra Pe. Gaspar. No dia 17 de junho, o prefeito do Departamento do Àdige recebeu de fato, do próprio Guicciardi a ordem de "manter sob a vista particularmente as ações daqueles Diretores ou Chefes de Congregações ou Companhias, assim chamadas de S. Luiz, Marianas (...) que poderiam estar nesse departamento".

Foi envolvido num episódio de oposição ao regime francês naqueles dias "o padre Pagani, vice-pároco de Campo Marzio". Fe. Gaspar estava, pois, na mira.

O episódio mostra, portanto, de um lado a força de organização de Pe. Gaspar e a importância da sua obra no meio dos jovens; de outro coloca um grande problema, sempre discutido: qual foi a atitude de Pe. Gaspar nos confrontos com o governo francês? E vice-versa, como o governo francês viu esse grupinho de sacerdotes zelosos, ativos, no meio dos jovens?

A resposta pode ser colhida em algumas observações oficiais das autoridades francesas. Particularmente importante à esta análise que o Ministro do Interior Aldini fazia ao Imperador Napoleão em 1805, a propósito dos "ministros do culto". Sente-se aí uma ressentida zanga por não ter conseguido envolver o clero no programa político francês:

"A conduta dos ministros do Culto, embora não possa dizer-se absolutamente má, é sempre, porém, tenebrosa e animosa. Esta classe de pessoas, não obstante a mística afetação com a qual procura cobrir-se, deve em geral ser vista como não ligada à nova ordem das coisas. (...) Algumas proposições, alguns traços que escapam dos lábios de zelosos Pregadores e Missionários no fervor das suas pregações, provam a verdadeira índole e as disposições desta Classe" (33).

A imagem final que se tem do Pe. Gaspar aparece de modo claro das oito advertências que ele observou fielmente e recomendava à todos os diretores dos Oratórios, como muito importantes e muito necessárias para o bem que eles, esperavam da juventude". Eis as principais:

"1. O Diretor jamais faça questão do número de jovens, mas sim de sua virtude.

4. Não limite o Diretor a vigilância sobre os seus jovens somente no Oratório, mas estenda também à escola e às oficinas (...).

5. Não mexa no bolso dos jovens, nem dos seus pais, por menor quantia que seja para as despesas de culto do Oratório, nem para qualquer outro objetivo de piedade ou de caridade. O bem material do Oratório prejudicaria o bem espiritual deles. Nada mais deve o Diretor querer deles que a diligência no comparecimento e a piedade no cumprimento dos deveres; e nada mais.

6. No caso de que algum jovem pobre tivesse necessidade de ser ajudado, o Diretor, ainda que seja rico e possa socorrê-lo com seu dinheiro, não o faça porém pessoalmente, mas por meio de algum dos seus sacerdotes ou de outro prudente cooperador. Pois de outro modo sobrecarregaria com um peso acima de suas forças, o Diretor que o sucedesse (...) ou atrairia ao Oratório os jovens necessitados só por interesse; ou ostentariam certos direitos e pretensões, o que em ambos os casos, ninguém que temia experiência, pode esperar algum bem".

Estas e muitas outras - diz o Giacobbe - eram as prudentes e sábias advertência... " (34)

E o Pe. Stofella simpaticamente comenta: "Obrigado! Mas para nós interessaria também essas "muitas outras". Mas já que é assim, não nos resta que ficar agradecidos ao biógrafo por aquilo que nos conservou e tirar proveito" (35).

CAPÍTULO II

O TRABALHO NO SEMINÁRIO

Retomemos a lapidar frase do Bresciani: "Interessou-se pelos jovens e pelo clero, pelas plantas e pelos cultivadores".

Examinemos alguns traços característicos de conteúdo social do múltiplo trabalho que Pe. Gaspar desenvolveu constantemente no Seminário diocesano de Verona a partir de setembro de 1810. A sua tarefa era, de fato, a de Padre Espiritual, ("digno guia dos Clérigos e Pai espiritual"), com Exercícios, meditações dominicais, direção espiritual, assistências ocasionais(...). Coisas que fez também no vizinho Colégio dos Acólitos, uma antiquíssima instituição para o serviço da Catedral.

A situação do Seminário, era, naqueles anos, muito deplorável. Eram tempos "de toda subversão pública e privada".

"As tempestades políticas, as diversas mudanças de condutores dos povos, as guerras e as batalhas (...) a espada afiada que para si quis reivindicar o direito canônico e da Igreja, os escândalos muito abertos de arrasamento de claustros e de destruições sacrílegas... arruinaram as belas e simples normas inocentes da milícia clerical".

A Igreja veronesa foi particularmente atingida:

"Rompido o nó da unidade pela divisão e quase desmembramento da diocese; levantadas cátedras de cá e de lá do rio pátrio; assustado e indeciso o velho Pastor (Avogadro), deformada a disciplina, a vela vinha do Senhor ameaçava irreparável ruína" (36).

É a empolada mas realística descrição que faz o Bresciani da triste situação encontrada pelo novo Reitor, Pe. Luiz Alberquini, no momento de sua elevação ao cargo (1807). Sobretudo a "economia desequilibrada" e a "disciplina afrouxada" metiam medo. Com todas as conseqüências do caso. Não obstante ao passar de poucos anos - segundo o testemunho do Sommacampagna em 1815 - "O seminário é um mosteiro de monges, mais de que jovens eclesiásticos" (37).

Nessa reação geral teve uma parte importante o trabalho de Pe. Gaspar. Um padre espiritual é a alma de um seminário. A sua importância é imediatamente percebida.

Examinemos aqui algumas linhas de intervenção de Pe. Gaspar no meio dos jovens seminaristas. Lembramos antes de tudo que muitas vezes as suas intervenções eram precedidas de noites insones de oração e reflexão. Eis alguns princípios básicos.

a) Os fatos: linguagem de Deus

Pe. Gaspar acostuma os jovens seminaristas a "ler" os sinais dos tempos. Abre-lhes os olhos, não fala de coisas abstratas nem fica sobre nuvens. Entra no fundo das questões. É este o critério: "A vontade de Deus se conhece pelas circunstâncias, lendo-a nos acontecimentos, que são a linguagem de Deus" (ms. 5364).

E os fatos eram dramáticos: a prisão de Pio VII, a sua resistência ao déspota, isto é Napoleão, a divisão entre Cardeais Negros e Cardeais Vermelhos, bispos aprisionados, dezenas de dioceses sem pastor, prelados intrusos e depostos, escândalos no alto e no baixo, fraquezas e divisões. Sob estas perspectivas, Pe. Gaspar desenvolve uma reflexão corajosa. O texto de meditação é a história vivíssima do povo de Israel no tempo dos Reis, tirada do livro do Samuel, comentado por um grande padre da Igreja, S. Gregório Magno, homem forjado por históricas agitações, mas capaz de ler à luz de Deus. Pe. Gaspar torna-se assim um habilíssimo mestre de espírito, que sabe unir de modo fecundo a Escritura, os Padres e a história do seu tempo, provocando nítidas tomadas de posição. De fato, não se podia naquela condição, ficar neutro. A reflexão sobre a Palavra torna-se assim critério de ação. Os seminaristas são habituados à tomada de posição, preparados para as "perseguições em tempo de guerra e as aflições em tempo de paz". E Pe. Gaspar apontava-lhes o exemplo concreto de dois corajosos padres, bem conhecidos de todos, Pe. Pedro Lombardi e o cônego Luiz P. Pacetti, presos por dois anos "unicamente por causa do seu zelo apostólico missionário" (38).

Ele mesmo saía de uma experiência muito dura de relacionamento com as autoridades políticas francesas, a respeito dos Oratórios Marianos.

Justamente naqueles dias ele anotava no seu memorial privado: "Jamais te antecipes ao Senhor; mas deves segui-Lo" (39). É o estilo típico de Pe. Gaspar, formado de atenta reflexão e oração, mas que se torna súbito compromisso, fadiga, testemunho ainda contra-corrente. E com o mesmo estilo forma os seus padres.

d) Gratuidade e desinteresse

Como condição para esse compromisso e testemunho, Pe. Gaspar exige os padres formados com profundo sentido de desinteresse, da gratuidade e da pobreza.

É o tema de todo o curso de Exercícios espirituais, feito no final de setembro de 1810, a 168 seminaristas (40).

Pe. Gaspar não poupa golpes. Intervém de um modo duro, para poder formar:

"Ó se tantos sacerdotes dos nossos dias procurassem este nobilíssimo fim (a glória de Deus) (...) ó quanto lhes desagradaria os teatros, os bailes, os banquetes, as casas dos grandes, o fazer figura no mundo como galanteadores, o possuir muito nos campos ou nos cofres (...) (ms. 2238).

E ainda com muita sagacidade anota:

"Os padres às vezes são mais avarentos nos lucros mais escassos e mais ignominiosos... com o abuso da graça exterior e beleza das criaturas, para agarrar-se à terra (...) para namorar até no santuário, mesmo com o sangue de Cristo na mão" (ms. 2254).

Acrescenta violentamente:

"Ó quanto o interesse domina!" (Ms. 2374).

Constata todavia, com decidida abertura social:

"Refleti, ó sacerdotes (...) quantos pobrezinhos viveriam lautamente, se vós não desperdiçásseis com excessos danosos também para a saúde. Resolvi jejuar alguma vez na semana. Contentai-vos com o que aparece quotidianamente à vossa mesa, sem queixas" (ms. 2384).

Ou então ironiza, comentando S. Lucas, 2, 43:

"Amor de sacerdote à igreja, não à caça! De certos sacerdotes, pode-se afirmar "remansit" (ficou) no bar, no jugo, na conversa (...) (ms. 2483).

"Os sacerdotes vivem de olho no temporal, sem o que não celebrariam todo dia, nem pregariam, nem assistiriam às funções.

Quando vão pregar nas vilas, procuram primeiro a renda, a hospedagem, o tratamento. Passam almoçando de casa em casa, por causa da gula (...) (ms. 2491).

Pe. Gaspar coloca aqui as bases de um seu estilo fundamental de apostolado: "servir a Deus e à igreja 'gratis omnino' ". Com evidentes reflexos sociais, brotados deste estilo de gratuidade absoluta.

No mais ele mesmo, naqueles anos, dava o exemplo em primeiro lugar, "veja no Retiro S. José; onde não aceitava nem mesmo um copo d'água, seja no seminário, onde pelos registros econômicos não se constata que ele tenha jamais recebido qualquer pequeno pagamento pelos seus préstimos" (41).

Um reflexo social no apostolado diretamente mostrado pelo próprio Pe. Gaspar:

"Não devo ocupar-me do meu amor próprio, não devo procurar o meu interesse, gosto, mas o interesse pela glória de Deus. Nas confissões, principalmente de homens rudes, idiotas, crianças, não há interesse nem gosto, mas há Deus. Das mulheres nem falo! 'Todos buscam os seus próprios interesses, poucos os que são de Jesus Cristo' (Flp 2, 21 " (ms. 2493)"

Pode-se notar quantas destas admoestações que ele dava ao clero passarão depois para suas Constituições, que se tornam assim a síntese de um ensinamento e de um exemplo.

c) Livres dos poderosos

Outro ponto sobre o qual Pe. Gaspar bate continuamente para poder formar padres corajosos capazes de uma grande influência também no social e no político, é a liberdade de espírito.

A situação política do momento, caracterizada pelo desencontro entre Napoleão e Pio VII exigia da parte de todos opções, claras e corajosas. Não se podia ficar neutro. Mas uma escolha do lado do Papa significava muitas vezes miséria e impopularidade. Eis, então a crítica pungente de Pe. Gaspar:

"Quão desobedientes os padres aos párocos, aos Bispos, ao Papa (...), serão, pois, sem envergonhar-se escravos de um rico Senhor, de uma corte, de um senhor temporal (...) e, deixando um jugo e um peso doce, suave, leve, glorioso, oneram-se com um jugo duro, indeclinável, pesadíssimo, ignominioso" (ms. 2494-95).

E comenta:

"Vendem sua liberdade por um nada! Não ousam ter outra idéia senão a do patrão, ainda que repugne à sua ciência e à sua consciência também. E tornando-se livres apenas de um patrão do céu, colocam-se como escravos, com os pés na corrente, de um patrão da terra, ou melhor, do inferno" (ms. 2496).

Pe. Gaspar compreendeu, de fato, que somente formando padres corajosos e, autenticamente livres, era possível que se tornassem depois também libertadores!

d) Honestidade e coerência

Surge uma outra importante exigência, das Meditações que cada domingo, de manhã Pe. Gaspar dirige aos clérigos: formar pessoas honestas e coerentes. Pe. Gaspar ataca sobretudo a divergência entre pregação e vida, com ironia impiedosa:

"Apenas ordenado sacerdote, procura licença para ler livros proibidos e aquele que não leu os bons, pensa em ler os maus sem perigo! (ms. 2257).

"(...) Impaciente na adversidade, dá admiráveis consolos aos moribundos, aos atribulados. Fala do desprezo ao mundo, enquanto ele segue a soberba das riquezas. Exagera e louva a ignominia da cruz e ele se guarda contra as mais leves censuras do mundo. Ó sacerdotes! Até quando fareis blasfemar por vossa causa o nome de Deus entre os seus inimigos?" (Ms. 2258)

E ainda parafraseando os Padres, como slogans:

"Levam a escada, outros sobem: eles permanecem em baixo, sempre (ms. 4859).
"Fabricantes da arca, enquanto salvam os outros, ficam fora" (ms. 2244).

Conclusão

Aparece claramente evidente a viva atenção que Pe. Gaspar dedica ao social, mesmo observado em termos mediatos. Não tem, de fato, o olho do sociólogo, mas do padre, semelhante ao profeta do Antigo Testamento, que arranha e chacoalha, mas sempre como voz de Deus, trabalhando em profundidade.

Pe. Gaspar educador de sacerdotes; é assim que muda radicalmente as pessoas e, portanto as estruturas e as coisas.

CAPÍTULO III

PADRES E RIQUEZAS

Antes de passar à análise das escolhas feitas por Pe. Gaspar nos Estigmas, quero aprofundar um problema específico, muito importante à finalidade deste estudo: a correlação padre-riqueza, ministério sacerdotal-bens terrenos. É um tema grandemente atacado por Pe. Gaspar em outubro de 1816, durante os Exercícios Espirituais ao clero de Mântua e repetido em muitas outras ocasiões, às reflexões feitas têm um extraordinário sabor de síntese e de programa ao mesmo tempo, porque apresentadas poucas semanas antes do ingresso nos Estigmas 42). Merecem, por isso, uma consideração atenta.

O próprio Pe. Gaspar fala destes Exercícios Espirituais em uma carta a Leopoldina Naudet: "(...) pode-se dizer que todos os padres da cidade acorreram (...) com muita edificação. Esta diocese tem muitos jansenistas e também um dos ex-Padres do Sínodo de Pistoia. Toda a minha pregação foi bater lá: e parece que foi ouvida a Divina Palavra com muita satisfação; o Senhor faça também com fruto" (43).

Partindo de uma premissa fundamental (nós somos pobres, sem poder, sem favor, sem nobreza, sem literatura secularesca (...) não sabemos senão pregar

simplesmente a doutrina de Jesus Cristo (...) (ms. 3266), apresenta imediatamente aos Sacerdotes o imenso amor de Deus:

"Há já um bom tempo que Deus te ama e tu ainda não sabes" (ms 3300).

"Deus entrega-se cada dia às vossas mãos (...) vós não vos entregareis ao menos uma vez às suas? Pouquíssimos são os que sabem o que Deus faria deles, se não fosse por eles impedido nos seus desígnios" (ms. 3288).

Mas colocadas essas premissas tranquilizadoras, Pe. Gaspar passa imediatamente ao ataque:

"A ignorância e os vícios do povo devem ser atribuídos aos descuidos do sacerdote, que não leu nem as Escrituras, nem os livros de Moral, mas possui só um breviário surrado (...) (Ms. 3649).

Quantos padres não profundamente descritos com a imagem do "breviário surrado", padres "que espreitam para esvaziar os bolsos dos súditos, ao invés de extirpar-lhes os seus vícios" (Ms. 3650).

Entra depois diretamente na correlação com os bens da terra, atingindo com vigor certas atitudes infelizes. Eis algumas:

"O perigo não está na muita ou pouca renda, mas na aspereza ou dureza em exigi-la, na afeição e sórdida avareza com que a usa, no escândalo que, depois de havê-las acumuladas, deixa tomar por herdeiros profanos os bens consagrados aos usos sagrados (ms 3729).

O padre se transforma assim de "pastor em cobrador duro, inexorável e um abjeto mercenário (...) tranqüilo a respeito da salvação ou perda do seu rebanho e preocupado unicamente com o lucro sórdido e temporal que tira dele, como a prensa, que não pára enquanto não tira até a última gota das azeitonas (...) (ms. 3731).

Eis o desvio do centro desinteresse na vida de um padre:

"Que as pregações não produzam frutos, que em toda sua vida não tenha ganho uma alma, o seu zelo continua muito tranqüilo; não se queixa (...) mas que as suas funções não lhe rendam o preço vil e abjeto que esperava, isto lhe dói, isto o excita muito (ms. 3732).

Eis as conseqüências sociais:

"Desta dureza mercenária nascem contrastes escandalosos e os tribunais leigos vibram com a vergonha do sacerdócio (...)" (ms. 3733).

Também o aspecto externo das igrejas torna-se sinal desta dureza mercenária". Aproveitemos toda a veemência do profeta nesta tremenda descrição, uma das mais cortantes do seu ministério de pregador:

"Esta é a causa por que se mantém a igreja como um depósito de feno, sem nem mesmo dar uma leve mão de cal, em todo o desbotamento a que ela chegou; que a sacristia não se distinga de uma casa saqueada por ladrões; que as vestes sagradas estejam todas em desordem, sem armários onde colocá-las, sem cômodas onde guardá-las, que o augustíssimo Sacramento fique muitas vezes com a lâmpada apagada que as âmbulas, patenas, cálices, se um dia foram dourados, hoje não são mais; os corporais imundos, os sanquinhos rasgados; que não haja nem mesmo um pratinho para as galhetas, que sejam mais sujas as toalhas do altar em cada capela que as toalhas da mesa de uma bodega" (ms. 3735).

Infelizmente, muitas destas tão vivas imagens, chegam também até o nosso presente! Ao contrário, aparece bem claro o exemplo oposto de Pe. Gaspar, que deu sempre à sua igreja dos Estigmas uma atenção, um decoro e uma beleza incomparável.

Como síntese, eis um slogan freqüentemente repetido por Pe. Gaspar: "Se o padre tiver qualquer outro interesse fora do Senhor, o Senhor não será sua recompensa" (ms. 3738).

Responde também a falsas desculpas e objeções dos padres:
"Mas nós damos a parentes pobres (...)!".

E Pe. Gaspar com cuidado analisa todas as várias "tentações muito ocultas, difíceis de serem reconhecidas à primeira vista", demonstrando que "outros pobres, reduzidos à extrema necessidade ou quase, devem ser preferidos (ms. 3749) (...) ou que os parentes podem ser sustentados em igual necessidade, jamais em desigualdade" (ms. 3750): concluindo enfim com esta incisiva orientação:

"Para dar o exemplo, que nos convém, é preciso mostrar que se quer mais os pobres do que os parentes" (ms. 3752).

Com sacerdotes assim formados, as conseqüências sociais são lógicas! Eis porque o Dalle Vedove conclui assim este fundamental capítulo

"Pe. Gaspar mostrará seu espírito de silencioso contestador quando, abrindo ao público a igreja dos Estigmas, exclui qualquer cofre para esmolas, proíbe absolutamente que se recolham ofertas durante as Missas e nas cerimônias e não permite que se criem capelarias perpétuas de Missas. O seu ministério e o dos seus filhos deve ser inteiramente gratuito" (44).

TERCEIRA PARTE

AS ESCOLHAS FEITAS AOS ESTIGMAS

Preâmbulo

Nos Estigmas a vida foi implantada segundo o estilo Monástico, sintetizando no lema "Contemplata aliis tradere". Toda a vida de Pe. Gaspar e do Estigmatino está aqui. Mesmo as escolhas mais estritamente sociais jorram desta nascente.

Em rápidos traços, apresentaremos algumas.

1. A vida comunitária

Realizada segundo o estilo de uma verdadeira fraternidade, vivida porém em uma franca alegria, que temperava os grandes e os pequenos acontecimentos. Sejam suficientes os traços dos "Fioretti" e ainda mais a clássica descrição do Schlor. "...um só espírito anima todos, uma só vida em todos, por assim dizer, se difunde. Se você conversa com eles, percebe que cada um, no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior é o perfeito retrato do outro" (45).

Em uma Verona dividida, fragmentada, muitas vezes inquieta, eis que uma comunidade de padres recolhidos no convento dos Estigmas se torna um fortíssimo estímulo para a reconciliação, para a fraternidade, ao perdão, ao serviço mútuo. Sua vida comunitária toma-se espontaneamente, pela torça do sinal, um convite para construir uma sociedade diferente. A força social do sinal comunitário da vida religiosa é muito bem descrita por este número da Constituição do Pe. Gaspar:

"Uma vez que parte importante da caridade é prevenir um ao outro na prestação de serviço, honra e benefício e uma vez que o espírito de cominação e de mando ou qualquer outra manifestação disso é reprovável e separa muito os espíritos: todos especialmente os que não são superiores) fujam de todo desejo de mandar e de todo modo imperioso porque tem jeito de soberba e não concilia a caridade. Se alguém em qualquer situação for obrigado a servir de guia, mostre de não impor mas de indicar o que deve ser feito: todos sirvam-se um ao outro, de modo que se verifique o que São João Crisóstomo muito bem escreveu dos antigos monges: "Não se pode ouvir algum deles fazer ou receber injúria, dar ou receber ordem: mas todos estão no número dos que servem"" (46).

Das Regras que Pe. Gaspar reservou para a "unidade do Instituto (uma parte muito consistente) poder-se-ia desenvolver outras indicações úteis e fecundas para resolver positivamente tantos problemas de convivência social em todos os níveis, como máximo respeito pelas origens e tradições de cada um (47), a procura da unidade na pluralidade de opiniões e juízos (48), o amor indistinto para com todos e a atenção aos mais débeis e fracos (49).

A este propósito, nos parece particularmente importante esta regra, tirada de S. Bento, que constitui um ótimo critério para a solução de tantos problemas, seja dentro de um convento, ou no âmbito de toda a sociedade:

"Não diremos que se faça distinção de pessoas - Deus nos guarde disto! - mas que se tenha em conta a enfermidade. Aquele que tem menos necessidade agradeça a Deus e não se entreteça e o que tem mais necessidade, humilhe-se pela sua enfermidade, não se orgulhe pela caridade que lhe é feita e assim todos os membros viverão em paz" (50).

Aplicada à nossa sociedade, esta regra faz aparecer tantos pretensos equilíbrios de igualdade social; para criar o critério de igualdade não é de fato a matemática, mas a quantidade de amor que cada situação requer!

2. A construção do convento dos Estigmas

Renunciando exemplarmente ao direito de "tirar a Senhora Leopoldina Naudet do Mosteiro de S. Teresa", Pe. Gaspar se preparou é o Bragato que escreve - para "uma grande empresa, isto é começar pelos alicerces uma nova casa que fosse suficiente para uma comunidade e provida de todas as classes necessárias para um curso inteiro de estudos e além disso a restaurar e embelezar muito decentemente a igreja anexa" (51).

A construção, com todos os seus problemas, aborrecimentos e escolhas, faz aparecer claramente as orientações, nas quais Pe. Gaspar se inspirava, límpidas e precisas ainda hoje:

a) - Não pediu auxílio a ninguém, "recusando aceitar até mesmo os auxílios espontaneamente oferecidos por pessoas ricas e religiosas, que santamente se alegravam vendo surgir no silêncio uma obra da qual esperavam viessem muitas glórias ao Senhor e grande vantagem para sua Igreja" (52).

b) - O critério que sempre guiou Pe. Gaspar era este: "Quem quer fazer bem às almas, deve deixar os bolsos em paz" (53).

c) - Trabalhou ele próprio, manualmente, ao lado dos operários, juntamente com seus sacerdotes, "fazendo de serventes a eles, como se fossem profissionais" (54). Com um certo toque de imediatismo, assim os descreve o Pe. João Lona, que recolheu várias notícias históricas : "Oh! como era bonito, edificante, vê-los imediatamente após as aulas, deixando os livros e as penas, colocarem-se no lado dos serventes e ajudá-los a carregar reboco e tijolos e esforçar-se com eles" (55).

d) - os trabalhos foram feitos devagar, devagar, conforme as possibilidades e as situações, "uma ala depois a outra, sem sinal de avareza ou de economia, em uma sólida e bem feita construção" (56).

Nos trabalhos, ele soube unir com grande equilíbrio, pobreza e elegância, exiguidade de meios e harmonia de linhas, austeridade na tradição monástica e alegria no estilo neoclássico.

A sua perícia também no campo estritamente técnico é confirmada, incidentalmente, pela correspondência do padre jesuíta Ferrari ao seu superior Pe. Roothaan, a propósito das obras para o noviciado dos jesuítas em Verona, aos 27 de setembro de 1840:

"Faltam ainda os vidros nos caixilhos e eu estou pensando em mandar colocar vidraça comum de um palmo com chumbo, como em Roma e em outros lugares geralmente, apoiado nisto também pela opinião do santo homem Pe. Gaspar Bertoni, Superior dos Sacerdotes dos Estigmas" (57).

As suas constituições registram a atenção ao trabalho: "Não é ofício secular exercitar alguma arte, o que fizeram os antigos Monges e o próprio S. Paulo" (58).

e) - Soube suportar todos os incômodos conseqüentes, devidos à contemporaneidade da construção do Convento e da continuação das atividades, principalmente das aulas. Tornou-se clássica a descrição da situação feita por Pe. Gaspar à Naudet:

"ter que fazer fogo e cozinhar tudo em um só fogareiro, numa só sala, pois no momento não tenho outra cozinha para mim e muito menos para os pedreiros; e lavar a louça em um outro quarto de dormir e comer em uma outra - que é meu quarto e sala de aula - sobre as mesmas mesas que servem para os alunos (...)" (59).

3. Escola gratuita

Pe. Gaspar sempre gostou de escola. Compreendia plenamente sua grande importância social e educativa. E dedicou-se a ela com, uma paixão e uma experiência toda sua.

O empenho e a decisão são demonstrados por uma série de fatos. Entrando nos Estigmas no dia 4 de novembro de 1816, abriu aí a Escola no dia 13, uma semana depois, apenas com o tempo de arrumar mais ou menos as coisas. Muitíssimas dificuldades concretas, criadas pelos locais pequenos e frios, anexos à igreja. Dificuldades que cresceram, como se viu, com a contemporânea construção do convento. Assim mesmo o empenho foi levado avante com constância, aliás, progressivamente, segundo o aumento do número de alunos.

Como é sabido, a escola era gratuita. Constituía quase uma marca registrada. Era claramente uma escola com forte caráter social. Aberta aos rapazes do bairro, da periferia da cidade, mas estendendo-se também aos rapazes do centro. "A do Bertoni apresentava-se como a única escola masculina privada gratuita, e a única escola livre, por quando era possível sob o regime da ocupação austríaca" (60).

Da detalhada e sempre interessante análise histórica que o Dalle Vedove faz sobre a instrução escolar em Verona, aparece claro que a iniciativa de Pe. Gaspar se insere no filão já iniciado com os Oratórios Marianos, onde "eram ativas escolas noturnas e dominicais" (61) e continuado depois com as "escolinhas" abertas em 1810 por três anos pelo Pe. Galvani, com despesas por sua conta, no coro da igreja dos Estigmas (62). A benéfica iniciativa, interrompida pelas operações militares de 1813, que usaram os Estigmas como "oficina para reparo das carruagens francesas" (63) foi continuada pelo bom Bellotti em outubro de 1815, retomada depois pelo Pe. Galvani, na morte prematura do Bellotti (27 de julho de 1816).

A breve crônica-história salienta algumas importantes características:

- a instrução de base (elementar-primária) era então muito pouco difundida e geralmente era sempre paga por conta própria;
- a região: "um afastado ângulo da cidade" (64);
- a iniciativa: é assim comentada, numa folha de despesa, do próprio Galvani:

"O local dos Estigmas também serve para uso das escolas gratuitas e dos RR. Mestres que com total satisfação dos moradores daquele e dos bairros vizinhos ensinam sem nenhum ganho provindo dos alunos aqueles pobres meninos sem possibilidade de se instruírem com professores mercenários" (65).

É um testemunho preciso do estilo e da finalidade da escola, que continuará sempre, até sua suspensão em 1843.

a) Método usado nas escolas do Bertoni

Pela análise das Constituições do Fundador e do seu Epistolário, consegue-se uma série de indicações sobre o que Pe. Gaspar entendia verdadeiramente por escola e como a fazia. Sente-se presente toda a sua preciosa experiência, conseguida em mais de 25 anos de magistério.

Antes de tudo Pe. Gaspar esclarece a finalidade de toda ação escolar: "educá-los na disciplina e no caminho do Senhor" (...) fora dessa finalidade e esperança, penso que isto não será aceito por Deus nem conveniente e vantajoso para nós" (66). Derivam daí os precisos concelhos sobre a vida de piedade, constituída de Missa quotidiana, confissão mensal, instrução semanal (...), utilizando ainda todas as ocasiões para "levar os escolares ao respeito e no amor de Deus e das virtudes" (68) e finalmente todas as ações do dia (69).

Acrescenta, pois, algumas indicações mais diretas:

- nos professores "se requer habilidade e diligência, de modos que sejam não somente preparados, mas, ainda assíduos e cuidadosos com o aproveitamento dos alunos" (70).

- "Observe-se muito o método", seja na aula como nas tarefas para a casa ("Os alunos estudam privadamente") (71).

- Quanto aos castigos, Pe. Gaspar adverte para distribuí-los "de acordo com a qualidade e a capacidade dos alunos", acautelando porém os sacerdotes, para que eles jamais apliquem pessoalmente castigos corporais" (72).

- Estimulem-se os estudantes através de "prêmios", mesmo pequeninos, mas logo em seguida, para evitar costumes ou exageros: "o sistema observado seja honesto e religioso". Mas sobretudo, "a honra alimenta as artes". Portanto o estímulo atinja o coração dos estudantes (73).

Outras preciosas indicações aparecem no Epistolário, nos conselhos que Pe. Gaspar dava à Naudet. Pe. Gaspar era um propagandista convicto do método indutivo ou experimental, em uma época que preferia o método dedutivo, seu objetivo era realmente o de formar do vivo, partindo dos fatos, analisando-os com cuidado e profundidade, refletindo ao mesmo tempo sobre os acontecimentos que cada dia apareciam. Eis uma prova: tratava-se de estudar as tragédias de Corneille:

"Não aprendam nada de cor; mas leiam com muita atenção e releiam, onde for necessário, de modo que possam prestar contas: 1.^o - da ação e dos seus motivos; 2.^o - da trama, ou seja do entrelaçamento, dos obstáculos e das suas causas; 3.^o - do desfecho, ou seja a catástrofe e suas causas. Aprendam a distinguir os fatos, os diálogos que entram na ação principal, dos que são acidentais, que estão fora da ação principal, mas são ligados; e percebam a conexão e a sua utilidade. Distingue ainda os caracteres dos personagens (...)" (74).

Uma outra recomendação, que muitas vezes aparece nas cartas de Pe. Gaspar à Naudet, é a clareza na exposição:

"Diga à senhora Sofia que o modo de ensinar é bom, mas que se apresse o mais que puder; forneça às meninas poucas idéias e só as necessárias, mas bem claras e distintas; de modo que, podendo fazer logo a análise de uma oração, ela poderá facilmente unir vez por vez, também as idéias úteis conforme forem aparecendo as oportunidades" (75).

Poderia se objetar que são conselhos praticamente óbvios. Mas a aparência engana. O modo como são apresentados, a fineza do aviso, o estilo doce e sério ao mesmo tempo, a marca personalíssima presente nos conselhos fazem dessas observações um modelo de promoção humana e de serviço social.

Para aprovar tudo isto basta citar o grande número de vocações e de pessoas muito bem preparadas que saíram das aulas de Pe. Gaspar e do seu seguidores.

Termina com um ponto, hoje muito batido: Pe. Gaspar exigia uma colaboração constante entre escola e família: "queria que os pais viessem muitas vezes se interessar pelo aproveitamento dos seus filhos" (76).

4. As escolhas em relação ao dinheiro

A orientação teórica de Pe. Gaspar quanto ao dinheiro é acenada apenas de maneira suficiente, em uma carta à Naudet:

"O dinheiro não pode ser oferecido a juros, o que seria abertamente usurário. Receba-o e o conserve até que possa usá-lo para alguma utilidade frutuosa ou algum outro contrato lícito" (77).

É a clássica posição da moral social do século XVIII. "Parece - anota Pe. Stofella sobre este trecho - manter-se fiel à disciplina mais antiga, que, em se tratando de dinheiro, não aceitava como lícita a percepção de renda em razão do próprio empréstimo, isto é, por motivos intrínsecos, mas só por motivos extrínsecos" (78).

Esta posição teórica é, no fundo, a razão orientadora para a aquisição das propriedades de, Sezano, que custou 160.000 libras austríacas.

Além da "utilidade frutuosa", as propriedades de Sezano foram adquiridas por Pe. Gaspar para que a obra fosse durável e não passageira com a sua morte" (79).

Foi escrupuloso de tudo que conseguiu relacionado à gestão dos bens eclesiásticos resgatados, incluindo as causas em tribunal com um "mar de litígios e confusões", Mas a razão orientadora não era aproveitar-se da vitória legal sobre o contendor e sim a escrupulosa manutenção dos bens pertencentes a Jesus Cristo e à Igreja, dos quais ele era somente o representante.

"Não é lícito liberar de um "aluguel" em prejuízo do legítimo dono, que no caso proposto, é Cristo Nosso Senhor e do administrador, a Igreja" (80).

É mais que a manifestação de uma informação jurídica: é sobretudo a expressão de uma atitude de desinteresse e de espírito de serviço que Pe. Gaspar manifesta mesmo em relação aos próprios bens pessoais. Justamente a atitude precisa e fiel do administrador!

a) Diante das heranças

As escolhas de Pe. Gaspar diante do dinheiro aparecem claramente nas suas tomadas de posição na firme recusa de qualquer herança, de qualquer oferta extraordinária e de toda doação particular. Só aceitava as ofertas das Missas! Os fatos são bem conhecidos. Alguns são mesmo "clássicos" como a recusa da herança Cartolari, cuja aceitação seria muitíssimo "justificada", já que o Pe. Cartolari, era membro legítimo da Comunidade. Bem diferente portanto o caso da bolsa de ouro deixada sobre o altar e a oferta de 100 taleres, chegada num momento crítico, justamente quando Pe. Gaspar estava começando a construção do convento, mas

igualmente recusadas, embora pudessem usar de muitos motivos plausíveis para a aceitação (81).

A atitude de Pe. Gaspar era pois plenamente compartilhada por toda a sua comunidade.

Além do mais Pe. Gaspar se acostumara a este tipo de escolha diante do dinheiro desde a sua juventude, experimentando, nos conhecidos problemas de sua casa, a fugacidade e a precariedade dos bens terrenos. O "Pai nosso" invocado com espírito franciscano, tornara-se um símbolo (82). E a este costume havia habituado os seus clérigos nas meditações dominicais: "desejar o Céu e nunca os bens da terra, nem as honras do mundo" (83).

b) Relacionamento com os dependentes

O Pe. Lenotti conserva um precioso testemunho de como Pe. Gaspar tratava os seus dependentes na propriedade de Sezano.

"Quase toda a renda que tirava das suas terras, a consumia na conservação das torrentes, e feitas sem miséria e com toda a solidez e perícia em grandes plantações, na conservação das terras e na restauração precisa e sólida das casas dos seus colonos e em outros mil trabalhos na roça e na cidade, que eram infinitos, assim trazia grandes vantagens aos artífices e aos "bóia-frias", os quais encontravam junto de Pe. Gaspar um serviço em qualquer estação do ano, com grande lucro e conforto para eles" (84).

É de extraordinária atualidade aquele inciso "encontravam junto de Pe. Gaspar um serviço em qualquer estação do ano". É a imagem de uma atitude de justiça social ativa, empreendedora, "promocional, quase empresarial, Pe. Gaspar não tem medo do dinheiro, administra-o porém com atenção e com dedicação social. Não é S. Francisco, mas tem um espírito franciscano.

e) Atenção para com os pobres

Pe. Lenotti conservou também este testemunho sobre o relacionamento com os pobres que diariamente batiam à porta do Convento dos Estigmas:

"Em certas ocasiões e circunstâncias era tão generoso, que parecia pecar por prodigalidade. Além das esmolas diárias, que há muitos anos fazia na porta a uns 50 e depois 70 pobres, aos quais cada dia dava uma tira de polenta (como se continua até hoje), continuamente abria a mão a muitas outras pessoas necessitadas que vinham pedir-lhe auxílio, alguma das quais levavam grossas esmolas (...) embora seja verdade, alguma vez, ou para por um limite de discricção ou por circunstâncias daqueles que pediam, ou por outras razões de sua prudência, sempre com reta finalidade, também negasse a alguns" (85).

Mesmo permanecendo na linha da caridade e assistencial, Pe. Gaspar demonstra uma solicitude verdadeiramente grande, para poder prover diariamente a um número tão grande de pobres!

f) A assistência aos moribundos

Ligado ao uso do dinheiro, está o sistema de enfrentar um problema bastante espinhoso: "o modo de visitar e assistir o próximo em perigo de morte". Pe. Gaspar dedica-lhe um capítulo especial nas suas Constituições. Aqui não nos interessa tanto o aspecto pastoral, quanto o humano e social. E o caso torna-se uma abertura típica de uma sociedade e de uma sensibilidade.

Pe. Gaspar antepõe uma costumeira chamada de atenção a todos: "Quando um dos nossos for chamado para assistir um enfermo, seja pobre ou rico, com esta ou aquela doença, em qualquer hora do dia ou da noite, atenda imediatamente" (86).

É conhecido, porém, como muitos sacerdotes caíssem na tentação de intrometer-se, muitas vezes com interesse pessoal, na compilação do testamento. A caça ao testamento é uma das acusações mais agudas, lançadas ao clero, pelos romances e pelo povo.

Eis então as prudentes prescrições de Pe. Gaspar: "exorte o enfermo a dispor dos seus bens (...), a redimir suas culpas com esmolas, a perdoar as ofensas recebidas (...). Exorte (...) mas não insista a "compilação do testamento" (87).

Há também um aceno às eventuais exortações no caso: "restituir os bens alheios, pagar as dívidas, garantir os herdeiros necessários de tal modo que se evite toda ocasião de rixas e demandas (...) mas não convém descer aos pormenores" (88). Sábias exortações, como cada um de nós muito bem o sabe!

Quanto porém "àqueles bens que o enfermo pode dispor livremente" com a máxima firmeza Pe. Gaspar prescreve ("observem as conseqüências"): "Nenhum dos nossos permita-se incitar alguém a deixar esmolas perpétuas a igrejas ou casas da Congregação" 89).

5. A gratuidade

Como muitas vezes se afirmou, a sensibilidade social de Pe. Gaspar às vezes se une tão estreitamente às atividades pastorais, que se torna um elemento essencial constitutivo. Pois bem, mesmo nos confrontos da sua Congregação surge uma constante linha de gratuidade, que impressiona.

O estilo com que de fato Pe. Gaspar fundou e dirigiu sua congregação foi sempre um estilo de profundo amor, mas também de desapego e desinteresse. Eis algumas amostras:

- jamais fez proselitismo para a sua congregação. Das cerca de 80 vocações religiosas e sacerdotais que surgiram nas suas escolas, somente três foram para os Estigmas. É conhecido o seu lema: "em questão de vocação, ao invés de forçar, é bom deixar o cuidado para Deus";
- trilhou o caminho da fundação com muita prudência, talvez lentidão, parecendo quase relutância ("Jamais prevenir a Deus...");
- jamais deu um passo preciso e oficial para o reconhecimento da sua obra;
- à chegada dos jesuítas em Verona (1837), quis imediatamente oferecer-lhes não só a hospitalidade em alguns lugares (Abandonados ou Trindade), mas até mesmo o próprio Convento dos Estigmas;
- coloca aos pés do Papa Gregório XVI as "Propriedades de Sezano, apenas adquiridas, disposto a qualquer decisão do Papa, em relação àqueles bens;
- a lenta distilação ("gota a gota") das Constituições, mostra a penetrante e sofrida maturação do projeto.

São alguns momentos de uma vida vivida em estilo de doação e desinteresse.

Hoje o seu ensinamento é particularmente considerado. Sobretudo o Estigmatino que trabalha no meio da juventude ou no mundo sócio-político, encontra na ação gratuita de Pe. Gaspar uma forte motivação teológica e espiritual. Um estilo que se torna hoje escolha e instituição no "voluntariado", na educação para o trabalho civil, no costume de dar sem pretender retorno, no desinteresse na política, na colaboração gratuita (de dinheiro e de merecimento) para a consecução de iniciativas promovidas por outras (pessoas ou instituições , (...) num modo profético e antecipador de administrar bens e ofertas dentro das paróquias. São somente alguns exemplos, para mostrar como são fecundas as instituições de Pe. Gaspar!

Costumava repetir: "O espírito de pobreza, o desinteresse, corta a raiz de todos os vícios, e levando à humildade, introduz todas as virtudes, e nisto consiste a perfeição" (90).

6. A fundação dos "Abandonados"

A Comunidade dos Estigmas, à partida do Pe. Bragato (5 de julho de 1835) para a missão de Viena, estava em pleno florescimento, contando com 12 sacerdotes, 4 irmãos e dois clérigos estudantes. Era natural, pois, um impulso, na fundação. Por providencial coincidência, a casa dos "Abandonados" ficava livre justamente naquele ano. Pe. Gaspar a recebera como herança em força do legado do Pe. Galvani. Tratava-se de uma casa - fundada em 1573, pelo esforço do Bispo Cardeal Agostinho Valério, com a finalidade de recolher meninos que vagavam pedindo esmolas pelas ruas (91) - e de uma "igrejinha mal acabada e necessitada de imediata reforma", sob o título de S. Maria del Giglio. A região era um dos bairros mais populares e pobres de Verona. Foram grandes as insistências do pároco de S. Estevão, Pe. Caetano Martinelli, para conseguir este providencial auxílio.

E assim seguidas de todas estas circunstâncias surgiu a primeira fundação dos Estigmatinos.

Escreve o simpático Pe. Gramego:

"1.º de março de 1836. Foi feita a missão nos Abandonados em S. Estêvão para começar a fazer um pouco de bem àquela paróquia, se assim for agradável a Deus; pois foram para lá definitivamente o Pe. João Maria Marani, com Paulo Zanoli: o primeiro com pouca saúde, o segundo bastante cansado e bastante acabado" (92).

É muito significativo o fato de ter sido escolhido justamente um bairro popular, abandonado e extremamente necessitado. Diria quase, que foi e continua sendo um gesto paradigmático, para qualquer tipo de nova fundação, na Itália e no exterior.

Ainda muito significativo o fato de ir para aquela região os melhores elementos, os mesmos que haviam colaborado com Pe. Gaspar na fundação dos Estigmas. O trabalho, como é sabido, foi continuado depois com muitos frutos pelo Pe. Francisco Benciolini. Que tornou-se, com o Oratório e o confessionário, o Apóstolo daquelas bandas.

Um flash da atividade do Pe. Marani, empenhado nos problemas do bairro e da cidade, é fornecido pelo Pe. Gaspar em uma carta ao Pe. Bragato (1.º de dezembro de 1837):

"Pe. Marani (...) nos dias de aula está nos Estigmas, à tarde e nos dias feriados nos Abandonados (...) onde confessa muito e com grande fruto para aquele bairro. Nas outras tardes mantém uma conferência moral (...) resolve os casos mais intrincados (...) examina os clérigos e continua recebendo penitentes de todo tipo, à toda hora, interrompendo o almoço, a janta, retardando o repouso" (93).

Nesta última frase, está todo o estilo do serviço do Estigmatino: máxima doação e plena disponibilidade aos outros, a qualquer hora e em qualquer circunstância, principalmente com os pobres. Uma escolha que se tomou confirmada, mesmo em nível institucional, com esta nova fundação.

7. As escolhas de Pe. Gaspar

Tudo quanto se disse a propósito da gratuidade e da sensibilidade de Pe. Gaspar, encontra uma imediata correspondência em alguns fatos concretos, que se tornam como que a concretização pastoral da linha espiritual e teológica de Pe. Gaspar.

a) O catecismo da Quarta Classe

Tratava-se de uma especial instrução catequética, que se fazia em Verona entre as duas festas da santa Cruz (invenção: 3 de maio e exaltação: 14 de setembro), dirigida sobretudo para o povo mais pobre e mais rude (94).

Pe. Stofella afirma que esta é "talvez a obra mais importante do apostolado de Pe. Gaspar", porque segundo o testemunho do Pe. Lenotti, "este ministério estava-lhe profundamente no coração" (95).

Não podemos aqui seguir as várias instruções feitas por Pe. Gaspar a seus primeiros filhos. Elas são apresentadas com especial cuidado, e em grande quantidade, pelo Dalle Vedove. Saliente aqui somente o reflexo que esta importante atividade teve nas Constituições: "É sua obrigação não somente ensinar as verdades necessárias ou úteis para conseguir a vida eterna, com pregações, exercícios, aulas, mas também explicar os primeiros elementos de fé e de moral especialmente às crianças e às pessoas ignorantes nos oratórios e nos catecismos públicos e privados. Esta ação é também sumamente útil à Igreja; e por isso seja-lhes sumamente recomendada" (96).

Especificamente depois muito claramente: "É sua obrigação ouvir as confissões de todo tipo de pessoas, especialmente dos pobres e das crianças, e orientá-las para a devida freqüência aos sacramentos" (97). Indicações assim tão clara, encontram hoje, aplicação imediata em qualquer plano pastoral de qualquer comunidade estigmatina!

b) Entre os contagiosos

Dramático era o problema das doenças contagiosas, flagelo que periodicamente dizimava cidades e campos. Também aqui os Estigmatinos têm um sinal, aqui têm o seu primeiro mártir, Pe. Mateus Farinati, "o mais afortunado - dizia Pe. Gaspar - entre todos os seus filhos dos Estigmas" (98).

Entrando ao 1º de Janeiro de 1817, para consolação de todos, "ainda que de poucas palavras", anota Pe. Gramego, ele, por um pedido do Bispo e do Mons. Vigário Dionisi, se ofereceu, e o Pe. Gaspar o aceitou, para assistir os atingidos pelo tifo nas cadeias públicas. Estava bem consciente do gravíssimo risco a que se expunha. Mas não hesitou, embora fosse de caráter tímido e talvez ansioso (99). Contraindo uma doença, que nem mesmo os ares benéficos da aldeia natal conseguiram debelar. Morreu aos 17 de setembro de 1820.

Pe. Gaspar, no dia de sua morte, escreveu à Naudet:

"Não deixei de pedir ao Senhor pelo motivo que Vossa Senhoria me recomendou, nem deixarei. Mas agora eu devo pedir a V. S. pelo pobre Pe. Farinatti, que o Senhor chamou hoje para si, logo depois que eu o visitei. Adoremos em tudo a Divina Providência Paterna de Deus. Mas sabemos pela fé, que O mesmo que aflige, também consola" (100).

Pe. Giacobbe assim comenta a sua morte:

"Pe. Mateus Farinati (...) tornava-se útil sobretudo com aquela caridade, da qual não existe outra maior, que é dar sua vida pela dos seus irmãos e amigos; estes foram para ele os doentes atingidos pelo pestilencial tifo que em 1816, e no ano

seguinte, foi uma calamidade em Verona; e ele atingido pela sua admirável e assídua assistência, morria por eles, vítima do zelo e da caridade" (101).

c) Entre os condenados à morte

Nos tempos dramáticos e duros de repressão a outra face do paternalismo iluminado da Áustria no Lombardo-Vêneto, surgiu uma nova e triste necessidade, acolhida por Pe. Gaspar através da palavra do Bispo - a assistência aos condenados à morte.

Pe. Gaspar já havia tido uma experiência direta neste campo com a conversão do ex-religioso e apóstata, condenado à morte por parricídio, que se converteu e morreu abençoando. Uma noite de oração abriu-lhe as portas do seu coração.

Mas também os seus filhos, na barafunda de 1848, tiveram que provar as angústias do cárcere e quase da morte. Esclarecido o equívoco, os pais dos Estigmas utilizaram sua experiência, transformando-a num ponto certo de referência e de conforto para tantos infelizes.

"Falou-se de uma assistência profundamente amorosa e de uma caridade que nas necessidades se sobrepujava", comenta Pe. Giacobbe, concluindo com argúcia, que "Pe. Gaspar teve a honra e a glória de ter filhos que souberam ser confessores tanto no trono como no patíbulo" (103).

É o estilo multiforme do Estigmatino, que sabe assumir também "uma árdua mas frutuossíssima e necessária obrigação" (103).

d) Com os soldados

Nem mesmo os soldados foram esquecidos pelo atento cuidado de Pe. Gaspar e dos seus companheiros. Em Verona eram muitíssimos, porque, parte da resistência da Áustria, "que não era mais que um exército aquartelado". Quartéis em todo canto. Até no térreo dos Estigmas, depois dos casos de 1848, de 06.05.1850 a 24.07.1854. No andar de cima, 4 doentes, o mais grave era o próprio Pe. Gaspar. "Meus pobres confrades - comenta amargamente o Pe. Bragato - para eles a tranquilidade e o sossego se foram" (104).

Todavia mesmo nesta situação aparece a capacidade do Estigmatino, neste caso o irmão coadjutor Paulo Zanoli, de se aproximar com ânimo corajoso e ao mesmo tempo humilde do mundo militar. Um apostolado feito de atenção, de testemunho e de doçura ("com suas doces maneiras"). E assim uma desventura se transforma em providência.

Poder-se-ia continuar. São somente fatos. Estes exemplos podem se tornar para nós hoje, estímulo à coragem, para nos entregarmos, como indivíduos e como comunidade, aos novos pobres, aos drogados (= os empestados de hoje), aos marginalizados, aos doentes graves "condenados à morte" por doenças incuráveis,

mesmo com o risco da própria saúde, na contínua busca de um apostolado que, fiel aos sinais dos tempos, mostre aos homens de hoje a doçura da caridade de Deus.

8) O homem do Conselho

A saúde de Pe. Gaspar, como é conhecido, jantais foi maravilhosa. Ao contrário, depois de 1825 foi obrigado, por períodos cada vez mais longos, a permanecer na cama. Esta realidade modifica radicalmente o projeto de Pe. Gaspar. Não é mais o apóstolo dos jovens, nem o missionário Apostólico, nem o fundador infatigável dos Oratórios Marianos. A polícia pode ficar tranqüila! Parecia ter desaparecido. Sem saída social. E, ao contrário, eis que surge um novo filão: "O Homem do Conselho", que o torna igualmente presente - mesmo de maneira indireta - na vida religiosa e no contexto social do seu tempo.

A primeira coisa que se encontra agora em Pe. Gaspar é o acolhimento. Assim o descreve nas suas Constituições: "A caridade antes de tudo deve-se demonstrar no acolhimento, que deve ser acompanhado dos sinais externos da maior amizade (...) sem poupar trabalhos ou despesas (...)" (105). É o retrato fiel da Comunidade dos Estigmas: "Se quer saber o que é mais notável neles, é a humildade, a caridade e um tratamento muito afável" (106).

O Bresciani assim nos retrata Pe. Gaspar: "Um sacerdote com uma veste pobre, quase um anacoreta (...) que desde a entrada da porta atrai o visitante com a afabilidade do encontro e uma saudação reverente, quando ao invés de mostrar-se dono do quarto, prefere ser o criado" (107).

Os testemunhos sobre esta atividade são infinitos. Eis alguns: "Quantos eclesiásticos, de todas as classes e com todos os vínculos, vinham aconselhar-se com ele (...) uns para resolver casos de consciência, outros para assuntos e negócios de máxima importância, outros ainda para sua particular direção espiritual." (108). E não só eclesiásticos, mas "qualquer um que tivesse problemas em alguma questão de momento" (109). Nobres, burgueses, povo, magistrados, profissionais, estudiosos, qualquer estado e qualquer condição. Típica a afirmativa de um magistrado, depois de uma conversa: "Aqui se vem para aprender" (110).

Uma nova missão social, portanto, que atinge o mais profundo das pessoas e das instituições.

A sua importância social se alarga, pois, em progressão geométrica, no instante em que Pe. Gaspar se torna "alimentador de todas as obras de religião que surgiam na cidade (111), sobretudo daquelas que têm uma finalidade direta de promoção humana e social entre os pobres. Mostraremos o seu apoio ao trabalho para com as meninas pobres de Teodora Campostrini (1829), os preciosos conselhos dados ao Pe. Nicolau Mazza, "sacerdote veronês ardente da caridade para com Jesus Cristo e a juventude", fundador do Instituto de educação doméstica para as meninas pobres e em perigo", cuja encolha e decisão amadureceu (1829)

por providencial circunstância justamente aos pés de Pe. Gaspar: "Que devo fazer? Eu não sei com que meios. E ele encorajou-me dizendo: Faça, faça!" Um conselho que vale uma obra (112).

Diga-se o mesmo do Pe. A. Provolo: "sempre que estava em dúvidas recorria ao Pe. Gaspar e sempre foi orientado para o caminho certo" (113).

Uma palavra sobre a amizade, feita de diálogo sincero, de respeito recíproco mas também de trabalho e dificuldade que houve entre Pe. Gaspar e Pe. Antônio Rosmini.

Encontraram-se em 1826: o Rosmini tinha 29 anos e Pe. Gaspar andava pelos 49. Mas a admiração e a estima são imediatas:

"permita sua caridade - escreve o Rosmini - que chegue até você, depois de ter pessoalmente, talvez fazendo-o perder preciosos momentos. A única razão que me leva a escrever-lhe é de aproveitar suas luzes e seus conselhos (...) Expus-lhe, então o meu pensamento geral e o envio agora para que o veja, e queira ter a caridade de fazer em cima, todas as reflexões que lhe parecerem (...)" (Milão, 15 de março de 1826) (114).

A resposta de Pe. Gaspar foi também muito clara quanto cortês. É uma das cartas decisivas, na elaboração do carisma, tanto de Pe. Gaspar quanto do Rosmini:

"(...) É preciso ter cuidado para que os párocos não percam o espírito da disciplina em que forem formados e não desperdicem, restringindo sua caridade a um pequeno cuidado, os desígnios de uma caridade mais difundida e universal e tirando para si e para a parte do rebanho de Cristo que eles apascentam, os auxílios que porventura bastariam, se bem distribuídos, a toda uma diocese". (De Verona, no dia 27 de março de 1826) (115).

É uma intervenção profunda. Aparecem duas linhas, claramente distintas: a perspectiva diocesana do Pe. Gaspar e a dimensão paroquial do Rosmini. O pensamento de Pe. Gaspar foi rebatido alguns anos depois, justamente quando o Rosmini estava para ser nomeado arcebispo de Rovereto: "Mas Pe. Gaspar Bertoni não quer ceder e consentir, e as razões que apresenta são justíssimas, porquanto, ele o vê em um estado mais ajustado a trabalhar para a glória de Deus não estando ligado à paróquia, que estando ligado" (19 de junho de 1834) (116).

Pe. Dalle Vedove comenta: "Quando apenas um ano depois, o Rosmini renunciou a paróquia, todos compreenderam que Pe. Gaspar tinha razão (117).

É o perfil de uma amizade feita de sinceridade recíproca os acontecimentos sucessivos, sobretudo nos meses que precederam à publicação (1848) da famosa obra do Rosmini "As cinco chagas da S. Igreja", com a conseqüente intervenção do Índice (1849), abalaram esta amizade, com momentos também de tensão e preocupação em Pe. Gaspar. A questão é complexa. Pe. Stofella no seu Summarium Additionale e apresenta nas linhas principais (118). A nós, aqui, o fato

nos traz uma pergunta: "Até que ponto Pe. Gaspar foi sensível aos problemas da renovação e transformação das estruturas eclesiais?" Problema angustiante para o Rosmini, e muito menor para Pe. Gaspar, seja porque cresceu durante uma fase de violento ataque à Igreja, nos tempos da Revolução Francesa e da ocupação napoleônica, seja porque profundamente, inserido em uma Igreja local positiva e ativa no plano das respostas aos problemas do tempo (cfr. as numerosas fundações de congregações religiosas surgidas em Verona, naqueles anos, para resolver os dramáticos problemas sociais do tempo), seja enfim porque a Igreja, no contexto de Restauração, assumiu uma tarefa de sistematização ideológica e social, que não desagradava Pe. Gaspar. "Abominava o espírito de novidade, e também da indocilidade. E como conseqüência, contra o volátil espírito da opinião variável e oscilante, opunha o antigo bom senso uniforme dos santos Padres (...) e contra o presente espírito de sistematizada indocilidade, colocou exemplo assaz luminoso na sua ótima Congregação de padres livres, que dos seus exemplos já há bem trinta anos dependiam em tudo (...)" (119).

Agrada-me concluir este espinhoso episódio, com este testemunho de Rosmini escrito ao Pe. Bragato em março de 1846:

"Pe. Gaspar, tendo lido minhas regras, deu-me um eficaz impulso para começar, dissipando todas minhas dúvidas: de tal modo que o instituto nasceu justamente na casa dele" (120).

9. A atitude com a política

Pe. Gaspar nasceu em uma época fortemente caracterizada por fatos políticos: Napoleão e a restauração. Viveu a primeira na idade juvenil, a segunda na maturidade e na velhice. Diversa pois a sua colocação. Acompanhou com paixão e documentação, sentindo também pessoalmente a primeira fase.

Como bom veronês, que encontrou as "novidades" através das "Páscoas Veronesas" (1797), custou para aceitá-las. Ao contrário, pela sua corajosa atividade no meio dos jovens com os Oratórios Marianos, foi logo suspeito. Em 1806 foi vigiado pela polícia, sofreu a supressão dos Oratórios em maio de 1807, teve que agir com extrema cautela. Afirmando com o Sommacampagna: "Suportou muitas dificuldades do Governo francês" (121).

Quanto às vicissitudes de Pio VII e Napoleão, com as conseqüências dolorosas em nível de Igreja local, Pe. Gaspar mostra-se perfeitamente informado. Escreve de próprio punho documentos importantíssimos. Um exemplo. "A relação da prisão e deportação do Sumo Pontífice Pio VII acontecida no dia 6 de julho de 1809" escrita por Pe. Gaspar é bem diferente da que se encontra na Biblioteca de História Moderna e contemporânea de Roma (122). Um particular não secundário, a demonstração de um Pe. Gaspar apaixonado e bem documentado, mesmo em uma época em que os documentos circulavam de modo clandestino (123).

Esta atitude de atenção e de documentação torna-se clara tomada de posição, nas exortações dominicais aos Clérigos do seminário: "vergonha de mendigar honras e benefícios, cortejando pessoas de alta categoria, de tornar-se escravos da opinião do mundo ou do respeito humano, na sua vida, na pregação, no confessional" (ms. 2238).

Por isso, na sua documentação privada, encontram lugar de destaque aqueles documentos que enfeixam as corajosas tomadas de posição de grupos de Bispos, que enfrentam o modo de agir de Napoleão, profeticamente afrontado (Se nós calássemos a verdade por motivos humanos, nos conspurcaríamos diante de Deus (...)) (124). Máxima liberdade e altivez de espírito, portanto.

Os acontecimentos mudaram, vieram os Austríacos. Foram inevitavelmente recebidos como elementos de tranqüilidade. Mas foi bem depressa uma tranqüilidade aparente. Os problemas, velhos e novos, agitaram sempre os ânimos. Eis então uma sábia e previdente observação de Pe. Gaspar: "O próximo tempo - escreve à Naudet em 1828 - em que os ânimos estarão ocupados com temor de agitação política, poderia ser talvez o mais ajustado para as coisas de Deus. Os bons abrem os olhos, os maus distraem-se com outras coisas. Rezai sem parar: eu fiz e farei fazer aquilo que posso. É preciso rezar e não parar" (125). Não mais existe um tempo neutro. Deus sempre age e escreve, sobretudo nos momentos de crise.

Poder-se-ia logo alargar o conceito espiritual de "Escola de Deus", que na espiritualidade bertoniana normalmente é ligado com o mistério do sofrimento. Também os acontecimentos sociais e políticos são para o Bertoni. "Escola de Deus"!

Também diante da visita dos soberanos austríacos às Escolas dos Estigmas [1825), instante que poderia ter sido utilizado para a própria ambição, foi ao invés considerado à luz da Palavra:

"parece que foi marcada pela Providência para estes dias; mas lembrar-se: É melhor esperar no Senhor do que esperar nos Príncipes" (126).

O ano de 1848 reservará à Comunidade dos Estigmas tristes surpresas: "as más línguas se soltaram... e os Estigmas foram alvo de tramas e insídias dos "libertinos", que haviam ficado de olho nos bens e procurado sua ruína" (127). Pe. Gaspar, mesmo naquela hora "teve coração para rezar e insistir - diz Pe. Lenotti - sobre a máxima católica da fiel sujeição devida aos Soberanos e a todas as Autoridades" (128). No final, Pe. Gaspar aborrecia o pecado de "revolução" como "um dos pecados mais graves", ou "o maior de todos, porque trazia consigo todas as conseqüências" (129). Não atraiu, pois as simpatias dos "libertinos", embora um tardio, mas objetivo testemunho de um liberal: "foi dito que eles - os padres dos Estigmas - eram contrários a todo o nosso trabalho para construir um povo livre. Não sei o que pensam no seu coração, mas tenho o direito de perscrutar. Eu vou ao fruto da árvore e quando ela dá bom fruto faço votos que prospere" (130). Tudo isto terá um eco nas Constituições onde, entre os meios para a própria perfeição, Pe. Gaspar colocará: "a perfeita observância de todos os preceitos divinos e humanos, eclesiásticos e civis" (131).

Debaixo de uma análise atenta, o termo "conservador" que freqüentemente se aplica ao Pe. Gaspar, embora tecnicamente exato, é de fato profundamente inadequado. Fica-lhe muito restrito. Bem mais além vai a sua atividade. Na verdade quis e soube ser um tenaz, se bem que cordato, "contestador", nos momentos em que era necessário. E sobretudo sua ação foi constantemente voltada para uma verdadeira e real promoção do homem, através de uma autêntica evangelização, muito acima dos entusiasmos fáceis ou dos repentinos abalos.

10. Das suas Constituições...

Aproximando-nos da conclusão deste trabalho, é útil colher diretamente alguns textos das Constituições, destiladas "gota a gota" por Pe. Gaspar. Contém como num escrutínio, o suco central do seu pensamento. Examinaremos somente alguns filões, aliás muito ricos, de grande reflexo social.

n) A preparação das pessoas

A preparação do Estigmatino foi logicamente o cuidado constante de Pe. Gaspar. Basta ver a atenção e o amor dedicados ao Lenotti. Aparece imediatamente uma escrupulosa observância do equilíbrio entre oração e estudo. Mas, por duas vezes, no seu epistolário, Pe. Gaspar cita uma frase importante de S. Gregório Magno, sobre a importância dos estudos humanísticos e científicos:

"Deus é o Senhor das ciências; e sem o auxílio destas ciências naturais, não se pode chegar à sublimidade das coisas Espirituais, como diz claramente S. Gregório; e eu ousou acrescentar que nestas circunstâncias, tal e tão delicado é o trabalho da obra, que, embora agora se construa, não se poderá manter sem o apoio de muito saber nos seus vários membros; e que o primeiro germe de corrupção desta grande Obra será a ignorância - isto equívale também ao saber muito - o saber mal, que é a perda do Bom Gosto" (132).

Colocada esta premissa sobre a importância da preparação, vem logo a finalização: "Nesta congregação clerical, que tem por finalidade não só a contemplação, por si, mas também transmitir aos outros as verdades contempladas, é necessário uma ciência não ordinária, mas perfeita..." (133).

Não se estuda por si mesmo, mas para transmitir, "para estar em posição de iluminar os espíritos que estão nas trevas, de se opor aos assaltos das heresias, de saber dar a razão da própria fé..." (134).

É uma praxe profunda, que ilumina todas as ações do estigmatino. Com este espírito deve-se entender a especialização: não a obtenção de um ideal de perfeição particularista, mas é cada um aceitando alegremente o "estar a serviço" de um projeto maior que ele, no qual se prepara com competência e ao qual sacrifica eventualmente projetos pessoais.

Mas também aqui aparecem alguns toques Bertonianos:

a) - a especialização é maleável, mutável, aberta "aos sinais dos tempos": "apliquem-se a estudos particulares por mais longo tempo e com maior diligência (...) segundo as diversidades dos tempos e das circunstâncias" (135);

b) - não esquece o contato e a referência aos mais pobres: "sem omitir qualquer estudo particular (...) exercitem-se em catequizar os meninos e as outras pessoas ignorantes, em ouvir as confissões dos jovens e dos adolescentes" (136).

Quanto ao PLANO DE ESTUDO a ser feito para os alunos, é constante a referência que Pe. Gaspar faz à "lei da encarnação":

"Estudem-se (...) os Concílios gerais e particulares, especialmente da diocese onde os nossos estão; os Decretos universais e particulares do sumo Pontífice e dos Bispos, especialmente da Diocese onde está (...)" (137).

E ainda: "Apliquem-se também com diligência ao estudo da História eclesiástica e civil e busquem um certo conhecimento da história particular dos lugares onde se encontram" (138).

O próprio Pe. Gaspar demonstra particular competência na matéria. Aconselhava: "Para a história de Verona há o Moscardo (História de Verona em 12 livros) que é muito boa" (139). Muitas vezes até determina: "A história de Verona do Moscardo ou do Mafrei, jamais a do Carli" (140). Sinal de um estudo atualizado e crítico!

O acabamento da preparação e a sua extrema concretização é também muito delineado, em texto já clássico:

"Igualmente apliquem-se (...) à História natural, à História da Literatura, adquirindo também alguns conhecimentos ("aliquid delibantes") de medicina e de outras artes liberais e mecânicas, de agricultura, desenho, arquitetura, caligrafia, ortografia" (141).

Tendo, pois, que traçar um programa preciso para a educação das MOÇAS do seu tempo, Pe. Gaspar, escrevendo à Naudet, usa uma carta inteira (142). Pe. Stofella anota aí: "Pe. Gaspar exige nestas alunas-professoras (normalistas) uma formação literária mais séria que a que naquele tempo se pensava para as mulheres" (143). É a consequência prática de uma colocação oblativa da vida.

b) Equilíbrio e sabedoria

"Eu sempre digo que braços não faltam, mas o que falta é cabeça; cabeça nunca é demais; e quem tem cabeça, consegue ter dois braços; mas os braços nem sempre têm boa cabeça" (144).

É uma passagem típica, que mostra a argúcia e a sabedoria de Pe. Gaspar ao encontrar e analisar pessoas e fatos da vida. Este sábio equilíbrio aparece de modo evidentíssimo nas suas constituições. Trato disto aqui, porque me parece que constitui a tonalidade dominante em toda a pintura bertoniana nas questões sociais dentro e fora do Convento.

A sabedoria aparece na administração da penitência (não haja uma palavra única a todos (...)) (145, na relação estudo-vida, no comportamento exterior:

"A norma do comportamento exterior aplica-se não somente segundo a conveniência da pessoa que age, mas também, segundo o que requerem as circunstâncias externas, pessoas, serviços, lugares; conforme o elogia, com que nas Sagradas Escrituras os santos são louvados pelo Espírito Santo como aqueles que têm o culto do decoro. E ter o culto do decoro significa dar a cada um o que lhe convém" (146).

Citação um pouco longa, mas fundamental pela equilibrada síntese entre as exigências subjetivas e objetivas, entre pessoa e circunstâncias, entre o homem e o seu ambiente. É pois, um claríssimo ponto de referência no campo diretamente social, justamente porque põe no centro de tudo a dignidade da pessoa humana ("dar a cada um"), considerada não de modo particular, mas na dimensão social ("o que lhe convém").

Referindo-se à pobreza, Pe. Gaspar demonstra um equilíbrio ímpar, que facilmente pode ser estendido a todo o campo social, muito além dos muros de um convento:

"... segundo a conveniência e a necessidade nada falte e nada se aproxime do luxo" (147).

"Deve-se fugir de todo o descuido que impede a diligência e o esforço exigido para o cuidado da pessoa como se convém; e evitem aquela ostentação que pode existir até mesmo na tristeza usada como luto; coisa tão mais perigosa, enquanto se apresenta em nome do serviço de Deus" (148).

Alguns exemplos. O traje: "seja simples e decoroso, apresente pobreza e se adapte aos vários ministérios e pessoas, limpo e não esfiapado" (148).

A mesa: "deve-se usar daquele asseio que é sempre necessário e uma certa elegância" (150).

Motivado, pois, o belo testemunho do Schlor:

"Vivem assaz pobres e mortificados. "Simplicísimos são seus quartos e toda a mobília; mas por toda a casa se vê um ar de limpeza que é uma beleza admirável" (151).

Daqui surge aquela famosa página do Pe. João B. Tomasi (24 de outubro de 1916), que pôde falar de "um espírito (...) pelo qual os filhos de Pe. Gaspar puderam conciliar ao mesmo tempo (...) um heróico desinteresse um verdadeiro espírito de pobreza, com as despesas da construção da casa e da Igreja, terminadas sem dívidas, e ao mesmo tempo cuidando sem poupança da propriedade e do decoro" (152).

c) A conversação familiar com o próximo

Expressão intraduzível. Mas capaz de sintetizar toda a vida de Pe. Gaspar.

Aqui chega o ponto final destas reflexões. Dos 30 números (267-297) que Pe. Gaspar dedica a este assunto nas suas Constituições aparecem as preciosas indicações sobre a finalidade, o estilo, os perigos, os frutos no modo de agir socialmente. Responde, portanto, à pergunta: "como encontrar-se com as pessoas? Como chegar-se até elas?".

Cada encontro - responde Pe. Gaspar - é uma doação daquilo que cada um possui, para o "bem do próximo" (153). Também a vida contemplativa (154).

Este estilo de doação torna-se aproximação das pessoas, nos seus concretos problemas de cada dia ("é necessário descer um pouco até o nível deles" - n. 279); torna-se encontro direto, pessoal, encarnação, trabalho constante e solícito com o povo, "para que os contatos gerais, ou sejam os sermões e práticas, que embora necessários onde há comunidade, se não forem aquecidos e quase digeridos pelo calor da conversação familiar, facilmente são esquecidos" (155).

Só deste modo se valoriza a vida e a espera de cada um: "é necessário descer das generalidades, segundo o modo, a medida e as circunstâncias particulares convenientes a cada um" (156).

Ninguém é massa, ninguém é sem nome. Pe. Gaspar quer que cada encontro seja bem caracterizado, personalizado. Não generalizações fáceis, mas respostas precisas.

Este modo de aproximação pessoal, pode modificar definitivamente o hábito, com uma consistência perturbadora. Não obstante rejeitando algumas ações "inconvenientes e impróprias ao estado religioso" (157), Pe. Gaspar determina: "Bem diferente é vestir um traje de mercador e fingir-se tal para abrir o caminho para a pregação da fé (...) assim também é lícito passar muitas vezes no meio dos hereges vestido de militar ou de secular (...) e é coisa indiferente e livre a todos exercitar alguma arte, o que fizeram os antigos monges e o próprio S. Paulo, para garantir o próprio sustento e as necessidades de outros (...)" (158).

Hoje nós podemos acrescentar "vestir roupa de operário...", e teremos uma estupenda concretização da tendência espiritual e pastoral das indicações de Pe. Gaspar.

As orientações de Pe. Gaspar possuem, pois, uma extraordinária capacidade de aclaração e, se bem aplicadas, desencadeiam uma notável carga de transformações.

Não faltam os perigos, sobretudo os da dispersão, que toda atividade, principalmente no campo social, traz consigo. Pe. Gaspar os mostra, mas sobretudo dá alguns critérios de solução: "Cada um cuide primeiro da própria alma e depois das dos outros" (159), segundo o clássico conselho de São Bernardo. Mas sobretudo é indispensável o exemplo de Jesus Cristo, "que levou uma vida de habitual contato com os homens, mesmo comendo e bebendo com eles; e não somente observando a perfeição, mas levando um estado de vida perfeitíssimo" (160).

E ao exemplo de Cristo, Pe. Gaspar ajunta o dos Apóstolos. E aqui Pe. Gaspar coloca profeticamente um slogan que - parece-me - resume toda sua vida e é ao mesmo tempo a mais digna conclusão destas minhas reflexões sobre a sensibilidade social de Pe. Gaspar:

"... fazer-se tudo a todos, para levar todos a Cristo" (161)

CONCLUSÃO

Explicação:

Uma explicação, ao final destas reflexões parece-me necessária. É feita não para polêmica, mas para fecundo e construtivo confronto dialético.

Dante Gallio, em um acurado estudo (162) sobre "Fundações religiosas em Verona no início do oitocentos", apresenta uma interessante leitura dos singularíssimos fenômenos que viveu aquela Igreja local. 16 novas congregações religiosas ali surgiram, realmente, de 1808 a 1894. O fenômeno é estudado com desembaraço pelo Gallio; sente-se aí além disso um tom leigo na leitura e interpretação dos fatos e se tira a capacidade de enquadrá-los nas atuais orientações da historiografia sobre fundações religiosas da época moderna. Mas aí vê-se também - segundo meu humilde juízo - os limites de um não completo acesso às fontes (163), o esforço de certas interpretações sumárias (cada fundação é de fato dificilmente redutível) e talvez também a estreiteza de certas, análises redutíveis e preconcebidas.

Pe. Gaspar é definido "formador de uma escola" (p. 272) de colaboradores e discípulos, com uma precisa "função de coligação e de estímulo para outros fundadores veroneses" (p. 273). Mas também lhe é imputado de ser integralista" (p.

278), "limitado na perspectiva eclesial" (p. 287), "assistencialista" (p. 289). Uma palavra de esclarecimento talvez seja útil.

Certamente Pe. Gaspar acreditava na força moralizadora e transformadora da religião católica. Ele mesmo já havia feito experiência direta nos difíceis anos da ocupação francesa em Verona. Os Oratórios Marianos foram a concretização explícita. Para uma sociedade em profunda crise, eis uma resposta orgânica e renovadora, baseada diretamente em uma estrutura religiosa. Integralismo ou renovação?

Durante o período da Restauração, lia de boa vontade os escritos do De Maistre, La Mennais, Bonald, "três grandes homens enviados pela Providência de Deus neste século para reanimá-lo" (164). Aquele "reanimá-lo" é de difuso sabor "integralista" nas relações Igreja-sociedade. Mas não é senão o eco de toda uma época, toda propensa a se difundir sobre novas bases!

Assim também Pe. Gaspar sentia vigorosa a missão de segurança desenvolvida pelo Papa em um momento de grandes revoluções éticas. Pio VII tinha sido realmente o único a opor-se ao absolutismo de Napoleão, pagando sua coerência moral com anos de perseguição e humilhante isolamento. Lógica, pois, também por isto, sua veneração pelo Papa, que lhe faz dizer expressões aparentemente chocantes: "Ouçamos nós Cristo e seu vigário - escreve à Naudet em 1829 e se ficássemos também sozinhos como Noé, que ficou só CONTRA TODOS, nós, poucos e sozinhos, nos salvaremos dentro da arca, fora da qual sabemos não haver salvação" (165). É talvez "um convite ao isolamento" (Gallio, 276) ou não será muito mais uma clareza de princípios básicos?

Concluindo, destes poucos trechos, parece-me poder afirmar que, se bem colocado no contexto o adjetivo "integralista" torna-se decididamente inadequado (e talvez anti-histórico?). Pelo contrário, pode tornar-se capacidade de ler todos os acontecimentos diários com chave religiosa", como salienta o mesmo Gallio, em tom positivo (272).

Quanto à sua "perspectiva eclesial", era certamente diferente da do Rosmini, como já acenamos antes, por muitas causas, que se reduzem no fundo à diferente perspectiva histórica dos dois personagens, distantes entre si por uma geração. Ao Rosmini, seja como for, o merecimento do profético "derrubar", ao Pe. Gaspar o de "construir"; os dois portando, instrumentos nas mãos de um Deus que conduz a história.

O Gállo finalmente define um pouco "assistencialísticas" todas as fundações veronesas deste período. "Não estamos em situação de registrar - chega a afirmar com um juízo apodítico e sumário - nenhum conteúdo de renovação social neste interesse pelos pobres...; pois, onde se fala de pobres, não se fala de modificar a organização social. As fundações parecem exercitar uma missão de conservações de imobilidade social" (289). Um juízo que não pode senão nos deixar perplexos; não estamos realmente diante de tentativas remendadas, mas diante de obras grandes e duradouras saídas das mãos de um Pe. Pedro Leonardi, Pe. Nicola Mazza, Madalena di Canossa, Pe. Antônio Provolo, Pe. Carlos Steeb, Pe. Daniel Comboni (para citar os mais importantes)!

Agrada-me aqui citar um juízo de longa visão do grande historiador da Igreja, Roger Aubert, sobre a vida católica sob o "Pontificado de Pio IX":

"De outro lado pasma ver como os cristãos desse tempo, que tanto demoraram para compreender a justiça social, souberam praticar a caridade sob todas as formas, inclusive as mais penosas. Também é preciso fazer reservas sobre os métodos empregados, deve-se admirar a intensidade e a largueza da devoção com que se consagraram à vasta empresa de restauração religiosa, à qual o seu século se dedicara com tanto entusiasmo. O ardor apostólico desta época, cujos grandes santos foram párocos, missionários e religiosos educadores, faz perdoar muitas coisas e convida a julgar com maior compreensão a irradiação da verdade" (166).

a) A sensibilidade social e as devoções Estigmatinas

Uma última observação: parece-me oportuno ligar expressamente estes acenos sobre a sensibilidade social do Bertoni com a rica tradição das devoções Estigmatinas: os SS. Esposos e os Estigmas do Senhor.

São as duas faces da mesma medalha: a conformidade no Cristo, sentido como Esposo ("meu coração foi atraído... pela voz gentil de um casto esposo: a ouvi, queimou-me, quase a vi..."), um Esposo, porém, que deixa em nossos membros e em nossa história os "sinais tangíveis" da sua vida e do seu amor. Os sinais dos Estigmas - segundo a tradição mística de S. Catarina - tornam-se assim os sinais visíveis da "conformidade como Esposo".

Assim as duas devoções são também o sustento da sensibilidade social. A atenção á Paixão do Senhor habitua e educa Pe. Gaspar (e depois dele, todo Estigmatino) a entender as chagas abertas e dolorosas da sociedade em que trabalha, a senti-las vivas na própria carne, a compartilhar lágrimas e dores. E ao mesmo tempo, a atenção às dores do homem o leva à contemplação das Chagas do Senhor Jesus, oferecendo, no entanto, a certeza e o sinal da Ressurreição. O pobre e o sofredor encontram nas "cicatrices das chagas" o convite para o céu (167), já que "se nós fomos plantados na semelhança de sua morte, o seremos também na ressurreição" (ms, 1308).

Sobre as chagas abertas, como um Bom Samaritano, Pe. Gaspar derramou óleo da espiritualidade sponsal. O amor cura as feridas abertas, trazendo saúde, verdadeira vida nova, ressurreição.

Os Santos Esposos Ihe são modelo. Eis então o nascer da exigência de um sinal alternativo de vida, um modelo visível de comunidade, realizado por um grupo de sacerdotes e religiosos, em um convento fora dos muros de Verona, debaixo da imagem do amor feito sacramento de Maria e José, colocada no altar mór da sua "igrejinha": "Se você conversa. com eles, percebe que cada um, no pensamento, nos sentimentos do coração, no comportamento exterior, é o retrato fiel do outro" (168).

E concluo com um texto precioso de Paulo VI, que me impeliu, e iluminou neste trabalho; texto "histórico", porque pronunciado no dia da Beatificação de Pe. Gaspar (1º de novembro de 1975) e de quatro outros Bem-aventurados:

"Todos sofreram... como somente que cai na terra e morre para produzir fruto abundante. E com a mesma dedicação amarram os que são mais marcados pela Cruz, os pobres, os doentes, descobrindo neles a face desfigurada de Cristo. Lição atualíssima, quando hoje a maré do hedonismo, a procura do bem estar a todo custo, a surdez pela necessidade dos outros ameaçam fazer esquecer que a maior parte da humanidade padece, de males materiais e espirituais. A civilização de um povo é medida por sua sensibilidade aos sofrimentos alheios e sua capacidade de aliviá-los" (169).

NOTAS

ABREVIACÕES: ms., Manuscritos Bertoni, citados no texto com os relativos números.

CF, Constituições do Fundador, São Gaspar Bertoni.

- (01) - Summarium Additionale della Positio super virtutibus del Betoni, P. 537.
- (02) - Ib., p. 208.
- (03) - CF 263-234.
- (04) - N. DALLE VEDOVE, Vita e pensiero del Beato Gaspare Bertoni, parte I, pag. 472.
- (05) - Summ. Additionale, p, 117.
- (06) - Ib. , p. 279.
- (07) - Ib. , p. 466.
- (08) - Cfr. G. STORELLA, il Venerabile Gaspare Bertoni, p. 34.
- (09) - Cfr. ms. 523, in N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 90-95; cfr. também o texto completo, ligeiramente adaptado, in Pagine di Vita Cristiana, Vicenza 1947, p. 174-183.
- (10) - Epistolario Bertoni, editado pelo P. G. Stofella, Verona 1954 p. 357.
- (11) - CESARE BRESCIANI, Orazioni funebri, Verona 1866, II, 19, citato in Summ. Add. , p. 206.
- (12) - In N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 39.
- (13) - Summ. Add. , p. 338
- (14) - Ib. , p. 206.
- (15) - Ib., P. 341-343.
- (16) - Ib. , p. 358.
- (17) - Ib. , p. 354.
- (18) - Ib. , p. 207-359.
- (19) - Ib, p. 621.
- (20) - N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 379.
- (21) - Summ. Add. , p, 145.
- (22) - Memorial Privado - 20 de dezembro de 1808.
- (23) - Summ. Add. , p. 342.
- (24) - Ib. , p. 627.
- (25) - Ib. , p. 343. .
- (26) - Ib. , p. 352-353.
- (27) - Ib. , p. 373; 149.
- (28) - Ib. , p. 354.
- (29) - Ib. , p. 624.
- (30) - Ib. , p. 343.
- (31) - Ib. , P. 471.
- (32) - N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte I, p. 538-549.
- (33) - Ib. , p. 561-562.
- (34) - Summ. Add. , p. 357-358.
- (35) - G. STOFELLA, o. c. , p. 150.
- (36) - Cfr. N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 213-214.
- (37) - Cfr. Ib., p. 215.

- (38) - Cfr. Sumam. Add. , p. 532 e N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 667.
- (39) - Memorial Privado - 12 de janeiro de 1811.
- (40) - Cfr. Ampla síntese in N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II. p. 122-172.
- (41) - Ib. , p. 147.
- (42) - Ib. , p. 704-728.
- (43) - Epist. Bertoni, p. 136.
- (44) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte II, p. 721.
- (45) - Summ. Add. , p. 65-67.
- (46) - CF. , 195.
- (47) - Ib., 193.
- (48) - Ib., p. 197-207.
- (49) - Ib., 208-217.
- (50) - Ib 233.
- (51) - Summ. Add. , p. 284.
- (52) - Ib. , p. 284.
- (53) - Ib. , P. 285.
- (54) - G STOPELLA o. c. , p. 128.
- (55) - N. DALLE VEDOVE, Il Beato Gaspare Bertoni e l'Istituto delle Stimate, parte I, p. 356.
- (56) - G. STOFELLA, o. c., p. 127.
- (57) - N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 598.
- (58) - CF. 287.
- (59) - Epist. Bertoni, p. 236.
- (60) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte I, p. 29.
- (61) - Ib. , p. 32.
- (62) - Summ. Add. , p. 381.
- (63) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte I, p. 37.
- (64) - Ib. , p. 37.
- (65) - Ib. , p. 39.
- (66) - CF, 166.
- (67) - Cfr. N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte. I, p. 400-407.
- (68) - CF, 172.
- (69) - Ib. , 173.
- (70) - Ib. , 175.
- (71) - Ib. , 176.
- (72) - Ib. , 178.
- (73) - Ib. , p, 180 -181.
- (74) - Epist. Bertoni, p, 116.
- (75) - Ib. , p. 138.
- (76) - Summ. Add. , p, 165; 394 .
- (77) - Epist. Bertoni o, 234.
- (78) - Ib. , p. 234, nota 3.
- (79) - Ib. , p. 340.
- (80) - Ib. , p. 214.
- (81) - Summ. Add. p. 178.
- (82) - G. STOFELLA, o. c. , p. 72.
- (83) - Meditazione 14, in G. STOFELLA, o. c. , p. 82.

- (84) - Summ. Add. , p. 177.
 (85) - lb. , p. 177.
 (86) - CF, 392.
 (87) - lb. , 293 e 294.
 (88) - lb. , 295.
 (89) - lb. , 297.
 (90) - ms. 4929: in N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 505, nota I03.
 (91) - Cfr. in N. DALLE VEDOVE, vita e Pensiero del B. Gaspare Bertoni parte I, p. 39, nota I05.
 (92) - N. DALLE VEDOVE, Il B. Gaspare Bertoni e l'Istituto delle Stimate, p. II, p. 486.
 (93) - Epist. Bertoni, p. 316.
 (94) - fr. N. DALLE VEDOVE, Vita e Pensiero del B. Gaspare Bertoni., parte I, p. 551-563.
 (95) - Collectanea Stigmatina, III, p. 58.
 (96) - Cf. 182.
 (97) - lb. , 183; cfr também CF 165.
 (98) - Summ. Add, p. 537.
 (99) - N. DALLE VEDOVE, Il B. Gaspare Bertoni e l'Istituto delle Stimate, parte I, p. 188.
 (I00) - Epist. Bertoni, p. I5I -152.
 (101) - Summ. Add. , p. 373.'
 (I02) - lb. , p. 160.
 (103) - lb. , P. 161.
 (104) - G. STOFELLA, o. c., p. 271.
 (105) - CF, 246-247.
 (106) - Summ. ,Add. , p. 65.
 (107) - lb. , p. 207.
 (108) - lb. , p, 156-157.'
 (109) - lb. , p. 215.
 (110) - lb. , p. 496.
 (111) - lb. , p. 614.
 (112) - lb. , p. 590; 593.
 (113) -lb. , p. 611.
 (114) - lb. , p. 79-80.
 (115) - lb. , p. 81.
 (116) - lb. , P. 83.
 (117) - N. DALLE VEDOVE, o. c., parte II, p. 398.
 (118) - Summ. Add. , p. 76-79.
 (119) - Testemunho do Pe. Sorio, editada pela Foglio ufficiale di Verona, aos 13 de junho de 1853, in summ. Add. , p. 94-97.
 (120) - Summ. Add. , p. 84.
 (121) - lb. , p. 621.
 (122) - Cfr. in N. DELLE VEDOVE, Vita e pensiero del B. Gaspar Bertoni, parte II, p. 66, nota I50.
 (123) - Cfr. N. DALLE VEDOVE, o. c. , parte II, p. 59.
 (124) - Cfr. fl. Dalle Vedove, o. c. , parte II, p. 66-67.

- (125) - Epist. Bertoni, p. 241.
(126) - Ib. , p. 175.
(127) - Summ. Add. , p. 173.
(128) - Ib. , p. 179.
(129) - Ib. , p. 172.
(130) - G.B. MONTANARI, Che faro? Verona 1866, p. 44, citado pelo P. STOFELLA, o. c. , p. 265.
(131) - CF, 48.
(132) - Epist. Bertoni, p. 75.
(133) - CF. 49.
(134) - Ib. , 50.
(135) - Ib. , 57.
(136) - Ib. , 72.
(137) - Ib. , 53.
(138) - Ib. , 54.
(139) - Epist. Bertoni; p. 140.
(140) - Ib. , p. 139.
(141) - CF. 54.
(142) - Epist. Bertoni, p. 108-110.
(143) - Ib. , p. 108, nota 4.
(144) - Ib. , p. 219.
(145) - CF. 43.
(146) - CF. 131.
(147) - CF. 135.
(148) - Ib. , 136.
(149) - Ib. , 137.
(150) - Ib. , 249.
(151) - Summ. Add. , p. 47.
(152) -Cfr. G. STOFELLA, Costituzione del Ven. Servo di Dio don Gaspare Bertoni, Verona 1950, p. 23-24.
(153) - CF. 283.
(154) - Ib. , 274 - 275.
(155) - Ib. , 278.
(156) - Ib. , 278.
(157) - Ib. , 285.
(158) - Ib. , 286 - 287.
(159) - Ib. , 283.
(160) - Ib. , 271.
(161) - Ib. , 272.
(162) - D. GALLIO, Introduzione alla storia delle Fondazioni religiose a Verona nel primo Ottocento, in Chiesa e Spiritualità nell'Ottocento italiano, a cura di PAOLO BREZZI, Verona 1971, p. 227-310.
(163) - O Gallio por exemplo, dos escritos de Pe. Gaspar, leu somente o Epistolário e as Constituições (P. 293-295). Hoje os grandes volumes do Dalle Vedove tornaram acessíveis muitos outros escritos de Pe. Gaspar, aumentando assim os horizontes, sem esquecer que uma oportuna contextualização os aproximou muito mais.

- (164) - Epist. Bertoni, p. 232.
- (165) - Ib. , p. 262.
- (166) - R. AUBERT, Il pontificato di Pio IX (1846 -1878), Torino 1976, p. 714-715.
- (167) - Cfr. Collectanea Stimmatina, I, p. 230.'
- (168) - Summ. Add. , p. 66.
- (169) - Acta Apostolicae Sedis, 1975, p. 660 seg.